



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

NichollasBichuete Munhoz

**Pichadores de Florianópolis: memória e relações de grupo em meio a
metrópole contemporânea**

Florianópolis

2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

NichollasBichuete Munhoz

**Pichadores de Florianópolis: memória e relações de grupo em meio a
metrópole contemporânea**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de bacharel em
História pela Universidade Federal de
Santa Catarina.

Orientador: Henrique Luíz Pereira
Oliveira

Florianópolis

2014

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Professora Andréa Ferreira Delgado, pois sem ela não haveria o despertar deste trabalho, todo o resultado dependeu das suas inserções iniciais que foram fundamentais para eu me guiar no processo de pesquisa como um todo, obrigado. Também agradeço o professor Henrique Pereira Oliveira que sempre dentro possível se mostrou disposto a me orientar e possibilitar que esta pesquisa fosse concluída, lhe agradeço muito.

Além disso, gostaria de agradecer a todos que participaram do curso de História no qual este trabalho finaliza. Os alunos, professores, funcionários, e toda sociedade acadêmica, todos me incentivaram e me decepcionaram, mas sem dúvida fizeram parte do processo que me ensinou a filosofar e a compreender parte da minha vida a partir da ciência História.

Aos cinco pichadores, NIOGE, CSC, PESTES, MOS e REI, sem dúvida alguma, quero expressar meu muito obrigado pela disponibilidade de participar da pesquisa, sem isso nada teria acontecido. Como amigos e pichadores, me espelho em várias características de vocês quando picho a rua e me envolvo com nossos camaradas do movimento, tamo junto!

A todos que picham em Florianópolis: CSC, NIOGE, AREO, INDIOURBANO, SPY, BRBS, RADAR, PARDI, PESTES, P3D, ZIGGY, XAKAIS, KUSH, RAPA, NÃO, BUGDAUS, RM, CUBANO, DÉ, 3BECK, COMBOIO, DONO, PKRS, JAPS, LUCA, MOS, REI, GBA, ALMA, GRON, QUINTO, VEJAM, RIZO, e desculpe se esqueci de alguém, vamo que vamo que agente tá fazendo história e agora tem vários trampo saindo na academia que estão reconhecendo nossa maneira de agir na cidade! Vida longa a pichação de Florianópolis, esta pesquisa é só mais um dos horizontes que vão ser alcançados!

Por fim, ainda não encontrei palavras que consigam dimensionar o agradecimento a certas pessoas, que na realidade não só ajudaram na constituição desta pesquisa, como influenciam a minha vida como um todo. Estas pessoas são fundamentais, pois sem elas meu coração aperta e sinto saudade e ai tudo fica mais difícil.

Pai, Mãe, Larissa, sem vocês eu não seria nada, todos meus objetivos concluídos sempre terão parte de vocês como elemento essencial. Obrigado por tudo que me ensinam e pelo carinho que compartilham comigo.

Luíza, nesses anos que estamos juntos, o sentimento de agradecimento que sinto por você é algo tão enorme, complexo e intenso, que os próprios significados dessas palavras se tornam pequenos para dimensionar a realidade. Eu te amo muito e parte dessa pesquisa é resultado do nosso amor, da nossa vontade de se doar para outro que nos torna tão fortes. Muito obrigado mesmo nega.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos cinco dias do mês de dezembro do ano de dois mil e quatorze, às nove horas, no Laboratório de Pesquisa em Imagem e Som do Departamento de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor **Henrique Luiz Pereira Oliveira**, Orientador e Presidente, pelo Professor **Gabriel Bueno Almeida**, Titular da Banca, e pelo Professor **Felipe Neis Araújo**, Suplente, designados pela Portaria nº 37 /TCC/HST/14 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Nichollas Bichuete Munhoz**, subordinado ao título: “**Pichadores de Florianópolis: relações de grupo em meio a cidade contemporânea**”. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor **Henrique Luiz Pereira Oliveira**, a nota final 9,5, do Professor **Gabriel Bueno Almeida**, a nota final 9,5, e do Professor **Felipe Neis Araújo**, a nota final 9,5; sendo aprovado com a nota final 9,5. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História, até o dia doze de dezembro de dois mil e quatorze. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 5 de dezembro de 2014.

Banca Examinadora:

Prof. Henrique Luiz Pereira Oliveira.....

Prof. Gabriel Bueno Almeida.....

Prof. Felipe Neis Araújo.....FELIPE NEIS ARAUJO

Candidato Nichollas Bichuete Munhoz.....

RESUMO

Neste trabalho o objetivo é singularizar algumas características que compõem o movimento da pichação florianopolitana. Para tanto, foram produzidas, sistematizadas e interpretadas, cinco entrevistas com pichadores atuantes na capital catarinense a partir da metodologia da História Oral. Essas entrevistas foram fontes para investigar as memórias e as interpretações sobre o movimento da pichação entre os entrevistados. No primeiro capítulo, minha intenção é expandir as interpretações sobre o universo do movimento da pichação. Discorro sobre como existem códigos e regras que devem ser assimilados para se tornar um pichador e compreender as características próprias desta proposta de intervenção urbana. No segundo capítulo, o objetivo é tratar sobre a produção da memória destes participantes, onde discorro sobre uma série de ressignificações que são produzidas em torno da compreensão sobre a história do movimento e sobre a trajetória inserção dos participantes no mesmo. O terceiro capítulo trata sobre as especificidades da cena florianopolitana. A pichação é algo que ocorre em grande parte das cidades de grande porte no Brasil, porém, cada local possui singularidades que caracterizam a heterogeneidade do movimento. Dessa forma, procuro particularizar parte de algumas vivências, as quais caracterizam perspectivas sobre o momento histórico que compõem o devir de cinco pichadores na cidade de Florianópolis no tempo presente.

Palavras chave: Pichação; Cidade; Memória; Contemporaneidade; História Oral;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. EXPERIÊNCIAS E INTERPRETAÇÕES SOBRE A DINÂMICA DA PICHAÇÃO: O OLHAR DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS	22
2. PRÁTICAS DE MEMÓRIA SOBRE A PICHAÇÃO.....	40
3. A PICHAÇÃO E A CIDADE: ESPECIFICIDADES DA CENA DE FLORIANÓPOLIS	56
CONCLUSÃO.....	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	76
APENDICE 1.....	79
APENDICE 2.....	81

INTRODUÇÃO

No ano de 2010, com o início da minha graduação na Universidade Federal de Santa Catarina e a mudança para Florianópolis, também comecei a atuar como grafiteiro e pichador nesta mesma cidade. Pintar na rua, viver as experiências que esta prática oferece e, simultaneamente, desenvolver minha formação acadêmica como um estudante de História, culminou no desejo de produzir um Trabalho de Conclusão Curso relacionado à uma dessas formas de expressão.

Em todos os locais nos quais estão inseridos, tanto a pichação como o graffiti se tornaram movimentos que propõem uma leitura do espaço urbano. As marcas se transformam em mais uma, entre as milhares de simbologias que configuram o contexto da cidade e a sua história no tempo presente.

O graffiti e a pichação são manifestações que se sustentam principalmente na ideia de pintar na rua. Ambas fazem parte dos elementos que constroem a cultura Hip Hop. Ou seja, tais formas de se apropriar da cidade, podem ser vinculadas a um conjunto de transformações sociais que ocorreram nos bairros pobres de Nova Iorque, principalmente no Bronx, no final da década de sessenta. Por falta de recursos que suprissem as necessidades de cultura e entretenimento, os moradores da periferia nova iorquina começaram organizar festas na rua, onde uma música “mecânica” era tocada e as pessoas se encontravam para dançar e se divertir.

Conforme os estudos de Gabriel Almeida (2013), baseados em Castelman e Ganz, “o termo graffiti tem sido utilizado para designar diferentes formas de registros gráficos (textos ou pinturas) nos espaços públicos” (Almeida, 2013, p.26). Ao transitarem pela cidade, os jovens que frequentavam as festas de Hip Hop começaram a assinar seus nomes com tinta spray pelas paredes dos bairros e metrô por onde passavam. A intenção era demarcar território e conseqüentemente se fazer presente no espaço urbano. Estas assinaturas ganharam formas, cores, significações e técnicas, além disso, saíram das ruas e foram parar nas revistas, propagandas e galerias de arte, constituindo hoje o que identificamos como o graffiti.

Sobre a vinda dessa manifestação para o Brasil, Pedro Teixeira (2010) é outro pesquisador que compõe a bibliografia sobre o movimento do graffiti em Florianópolis. Segundo ele, “é por volta do fim da década de 1980 que o movimento Hip-Hop chega com força na cidade de São Paulo”(Teixeira, 2010, p. 41). A partir

deste momento, o hip hop nacional se alavancou em diversas cidades do país, “promovendo uma cultura “importada”, que em pouco tempo foi assimilada e se tornou “um dos movimentos mais fortes de periferia no Brasil” (Teixeira, 2010, p.41). Em território nacional, vários brasileiros se identificaram com essa cultura, introduzindo novas perspectivas para as formas e conteúdos do Rap, do breakdance, dos Dj’s e do graffiti.

Este projeto se concentra em uma das maneiras encontradas pelos brasileiros para assimilar o graffiti estadunidense. A pichação também pode ser conhecida como a “caligrafia urbana brasileira”, isso porque o movimento criou uma forma de escrever o alfabeto português que a destaca como uma linguagem mundialmente singular entre as intervenções urbanas. Além da estética, há a particularidade quanto aos locais que os pichadores valorizam na cidade.

Dessa forma, as pichações entram na disputa, em meio ao conflito de discursos que compõem as cidades do Brasil e do mundo. Porém, entre as milhares de linguagens que existem nas ruas, a pichação não é como os graffitis que se constitui de cores e formas assimiláveis mais facilmente pelo senso comum. A estética proposta pelo movimento é mais restrita, de forma que poucos são capazes de interpretar seus significados. Porém este trabalho tem o intuito de aprofundar a perspectiva das pesquisadoras Zanella e Furtado (2009), que demonstram que em certos contextos, como Florianópolis, essas duas formas de se comunicar estão entrelaçadas. Segundo elas, pichar e grafitar são atos diferentes dentro de uma mesma linguagem de expressão, de forma que “o graffiti e a pichação entram na cena urbana e ali, ora se amalgamam ou se diferenciam de suas variadas manifestações” (Furtado; Zanella, 2009, p. 140).

Ao pintar a rua, o pichador/grafiteiro transforma e recria o espaço urbano. Por meio da memória e das práticas particulares aos elementos que compõem as propostas de cada um destes movimentos. A partir disso são criadas temporalidades em relação aos diferentes lugares da cidade, que se transformam em pistas sobre como estes pichadores estão compreendendo a história contemporânea da pichação local. O fato de que diversas pessoas pichem e grafitem seus nomes nas ruas, seguindo algumas regras sociais e estéticas pré-estabelecidas, colabora com a construção de uma rede de comunicação em torno destes praticantes, que se torna

algo digno de ser pesquisado pois demonstra como estes sujeitos atuam cotidianamente no tempo presente.

Sendo assim, algumas das problemáticas deste trabalho podem ser observadas na perspectiva de compreender a relevância do cotidiano para a interpretação histórica, crítica que o sociólogo Michel Maffesoli faz aos historiadores: “sabemos que, em geral, a historiografia ignorou, e com soberba, o viveiro da história no cotidiano.” (Maffesoli, 2006, p.146).

Ao ignorar as “trivialidades” das histórias de vida das pessoas comuns, compreendo que a História desconsidera elementos significativos para diferentes temporalidades. As relevâncias destes fatores são exemplificadas neste estudo pelas possibilidades de identificar pistas sobre como as mudanças históricas se desenvolvem com o passar do tempo.

Continuando nesse ponto de vista, Maffesoli compreende que algumas destas perspectivas, que fazem pouco caso do cotidiano de vida das pessoas e estão enraizadas entre alguns historiadores, podem ser notadas nas referências catastróficas em torno do tempo presente, as quais não valorizam as potencialidades dispostas a partir das crises:

Na realidade o que se chama de “A Crise” não se pode ser outra coisa senão o fim das grandes estruturas políticas, econômicas ou ideológicas. E em cada um desses domínios é possível se referir a experiências de todo tipo, às descentralizações e outras autonomias minúsculas, à fragmentação dos saberes e a performatividade das entidades de escala humana.” (...) “Pergunto aos historiadores: não é verdade que cada grande fissura no devir humano- revolução, decadência, nascimento de império- não é acompanhada de uma multiplicação de novos estilos de vida? (MAFFESOLI, 2006, p.165.)

Compreendo que a pichação, à partir da discussão que irei discorrer entre o conceito de socialidade de Michel Maffesoli (2006), e dos símbolos que são impostos pelos participantes ao meio urbano, se constitui como um movimento que expressa as “descentralizações” e exerce uma “autonomia minúscula” no tempo presente, pois transforma as maneiras de vivenciar a cidade. E parto do pressuposto de que todas estas transformações ocorrem influenciadas pelos contextos históricos

de cada pichador, que se entrelaçam e constituem parte do movimento da pichação de Florianópolis.

Dessa forma, seguindo a proposta de Maffesoli aos historiadores, esta pesquisa se propõe a compreender parte dos grupos e símbolos que constituem o “devir das megalópoles e das metrópoles contemporâneas.” (Maffesoli, 2006, p.165). Para tanto, trataremos nesta pesquisa sobre alguns eventos do cotidiano destes entrevistados, expressos nos discursos que acionam as suas memórias, a fim de compreender como estes pichadores constituem sua própria história no movimento, e a história do movimento neles.

Como colocado, este estudo tem a pichação como tema central. Minha intenção foi identificar como as práticas e os discursos de pichadores podem sugerir pistas sobre diferentes formas de apropriação da cidade contemporânea. Nesse sentido, meu objetivo foi identificar memórias de pichadores atuantes na cidade de Florianópolis, a fim de compreender como esses sujeitos desenvolvem suas lembranças e como elas são acionadas na construção de seus discursos sobre a experiência de ser um pichador.

Além disso, foram feitas perguntas sobre a trajetória de cada um dos participantes dentro do movimento, com o objetivo de compreender mudanças e permanências em suas perspectivas sobre a prática da pichação ao longo do tempo. Ao fazerem referência ao passado, os entrevistados ressignificaram experiências a partir do tempo presente, o que possibilitou uma análise de suas memórias embasada em autores como Michael Pollak:

A memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes. (POLLAK, 1992, p.2)

Nessa pesquisa interessa analisar: como esses pichadores desenvolveram sua prática ao longo do tempo, como elaboram suas lembranças sobre experiências em torno do movimento e quais sentidos conferem às relações travadas nos espaços urbanos que passaram, diferenciando os aspectos específicos em relação a Florianópolis.

Enfim o intuito é entender quais identificações são estabelecidas por esses sujeitos com a pichação quando elaboram suas memórias ou interpretam suas

apropriações dos espaços urbanos. Dessa forma, a agência e as experiências de pichadores de Florianópolis foram acionados para compreender de que maneira são compartilhados os saberes que guiam a prática da pichação entre os membros desse movimento.

Para tanto, foram feitas entrevistas com sujeitos que se autodeclararam pichadores atuantes na cidade de Florianópolis. Além disso, pedi aos participantes que fizessem “folhinhas”¹ que foram digitalizadas, com o objetivo de ilustrar e dimensionar a estética e os estilos da pichação para os leitores da pesquisa. As gravações das entrevistas foram submetidas às etapas de tratamento e análise a partir dos embasamentos teórico-metodológicos da História Oral. Esse campo se mostrou pertinente para investigar como a memória destes pichadores selecionou e registrou os eventos, os locais, as pessoas, os motivos, as situações e as práticas que constituíram seus discursos.

Em relação a produção de entrevistas, a História Oral se constituiu como um campo teórico metodológico relevante, especialmente para os pesquisadores do tempo presente. A partir dela, é possível produzir e analisar relatos individuais como fontes históricas, por meio de um processo de elaboração, tratamento e análise de entrevistas.

A História oral é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade. Nesse sentido, ela está afinada com as novas tendências de pesquisa em ciências humanas, que reconhecem as múltiplas influências que estão submetidos os diferentes grupos no mundo globalizado. (ALBERTI, 2010, p.164)

¹As folhinhas são uma prática de registro dos pichadores. Trata-se de uma forma de socializar as diferentes produções de cada pichador, através do registro de seu(s) codinome(s) em folhas de papel ou cadernos. Estas folhas são guardadas e compartilhadas entre os participantes do movimento, constituindo acervos valiosos para muitos pichadores. Sobre as folhinhas, o entrevistado MOS explica: “*Cara na real eu tenho uma pasta em casa, pra mim é sagrada pra caralho! Tipo que tem folhinha, tu tá ligado né? Se vai em encontro de pichador pã, ai os cara cata umas folhas ou um caderno e vira registro da caligrafia ali. Cada um escreve a sua, e isso ai sempre rola nos encontros. Eu tenho folhinha lá de 93, 92, tenho folhinha do “Zé”, tenho folhinha do “Rastro” de 89, folhinha de uma galera que foi referência na pichação do Brasil tá ligado? Foi os cara que começaram a expandir os barato pela cidade e tal. E pô! Eu tenho honra de falar que tenho folhinha do “Japa Kamikaze” um dos pioneiros da minha cidade de Curitiba, tenho folhinha do falecido Bill do “União Provoca Espanto” do “Terror” de Curitiba, enfim mano eu tenho folhinha de uma galera assim de 98, 95, e é um parada, um registro que eu guardo com o coração assim é algo que não tem dinheiro nenhum que pague.”*

A partir destas reflexões, o objetivo é investigar as práticas que influenciam e constituem as lembranças dos entrevistados sobre as identificações com o movimento da pichação como um todo, singularizando as características pertinentes a Florianópolis e relacionando estas percepções com o contexto das trajetórias de vida dos entrevistados. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa, na qual singularidades são colocadas em evidência pela perspectiva de indivíduos que desenvolvem uma forma específica de apropriação do movimento.

Assim a história oral tenta representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos- a menos que as diferenças entre elas sejam tão irreconciliáveis que talvez cheguem a rasgar o tecido. (PORTELLI, 1997, p.16)

Nessa abordagem, transformações, relatividades e a produção de subjetividades também possuem relevância histórica e social, merecendo serem tomadas como objetos de investigação. Desta maneira, pontos de vista que não costumam ser contemplados pelos documentos oficiais, nem pela história tradicional dos grandes nomes e autoridades, ganham notoriedade dentro destas investigações históricas.

Para manter a segurança em torno dos participantes deste estudo, foi necessária a elaboração de um “Termo de Compromisso”². Neste documento os pichadores puderam ler os objetivos da pesquisa e sinalizar se queriam ser identificados por nomes fictícios ou pelo codinome dentro da pichação, algo que se tornou necessária devido à ilegalidade em torno da prática. Todos escolheram a segunda opção, por esse motivo, ao me referir a esses sujeitos serão utilizados seus codinomes, destacados em letra maiúscula. O mesmo procedimento é feito quando citado outros codinomes que fazem parte do movimento.

Ainda que os pichadores iniciantes também constituam interpretações sobre o tema, a memória dos pichadores de longa data possui maiores probabilidades de ressignificações sobre suas práticas, por conta do tempo percorrido no movimento. Dessa forma, considerando o objetivo de análise sobre suas memórias, a seleção dos entrevistados procurou contemplar alguns dos participantes mais experientes atuantes na pichação florianopolitana contemporânea. Sendo assim, todos os

² Apêndice 1

entrevistados possuem uma trajetória de mais de dez anos dentro do movimento da pichação.

No meu caso, o tratamento das entrevistas teve algo a mais a ser levado em conta: também sou pichadoregrafiteiro, fator que é relevante para minha posição de pesquisador do tema. Por um lado, ser um participante do movimento esteve à meu favor no momento em que solicitei as entrevistas aos pichadores, pois já possuía contatos com esses sujeitos antes do início da pesquisa. Dessa forma, quando apresentei meus objetivos para os entrevistados, todos se mostraram dispostos em ceder as entrevistas.

Apesar de facilitar o acesso aos pichadores, minha posição de pichador/pesquisador influenciou as respostas apresentadas pelos entrevistados, considerando que estes estavam cientes de que tinham como interlocutor alguém que está inserido no movimento da pichação. O embasamento nos referenciais da História Oral possibilitou compreender esse fator não como um problema, e sim como um elemento a ser considerado durante o trabalho de interpretação desses discursos.

Além disso, compreendo a impossibilidade de neutralidade do pesquisador no tratamento tanto de fontes orais como escritas, de modo que considerar sua participação no processo de produção e seleção dos dados é um pressuposto para a pesquisa historiográfica do qual nenhum historiador está isento.

Portanto, sobre a metodologia, foram produzidas entrevistas temáticas com os pichadores, nas quais os pichadores “versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido” (Alberti, 2010, p.175), ou seja, não abrangendo todos os aspectos de suas biografias. Nesse sentido, o roteiro de entrevistas³ foi desenvolvido para tratar especificamente dos momentos onde estes sujeitos entrelaçavam suas histórias particulares ao movimento da pichação. As perguntas organizadas no roteiro investigaram as memórias, em relação as estratégias acionadas pelos pichadores nas lembranças sobre suas práticas e interpretações em torno de alguns dos elementos que constituem as propostas do movimento da pichação.

³ Apêndice 2

O momento atual vivido por cada um dos pichadores entrevistados é fundamental para seu processo de reflexão e produção da memória, já que é a partir desse contexto que essas ações são produzidas. Nesse sentido, a análise da memória dos entrevistados foi compreendida, considerando os estudos de Michel Pollak, (1992), como uma elaboração constituída a partir das suas vivências, nas quais são criados novos sentidos para os acontecimentos passados na perspectiva do presente.

Além da questão da memória, compreendendo que os sujeitos entrevistados são atuantes nessa cidade e já atuaram ou mantêm contato com pichadores de outras localidades, as perguntas propostas pelo roteiro de entrevistas também procuraram compreender particularidades do cenário da pichação em Florianópolis.

Os locais selecionados para a produção das entrevistas foram as casas dos próprios pichadores, ou então, procurávamos um lugar público e tranquilo onde a gravação da entrevista pudesse ser realizada com qualidade. Após todas terem sido gravadas, foi iniciada a etapa de transcrição das mesmas. Com as entrevistas transcritas, foi possível analisá-las, destacando as diferenças e as particularidades de cada depoimento.

Dessa forma, estes relatos se tornaram fontes, a partir das quais pude identificar: o processo de elaboração da memória desenvolvido pelos pichadores, a interação entre os atuantes no grupo e também as singularidades das interpretações de cada indivíduo sobre algumas práticas da pichação.

Além disso, a análise destas fontes possibilitou compreender como as relações de grupo e as estratégias de comunicação e identificação, que singularizam essa linguagem, se desenvolvem em meio ao espaço urbano florianopolitano. Essas particularidades evidenciam como os participantes do movimento estão constituindo a história deles em relação à pichação, e a história da pichação em relação à eles

Com o início das atividades de campo, combinava com o pichador que seria entrevistado de fazer o procedimento da pesquisa e depois sair para pichar na rua. A minha proposta foi bem recebida pelos pichadores, porém, como qualquer pesquisa, a conciliação de horários e a alocação de espaços apropriados dificultaram a gravação das entrevistas. Muitas vezes me deslocava até os entrevistados, mas não conseguíamos produzir a entrevista, no entanto, sempre acabávamos saindo para pichar.

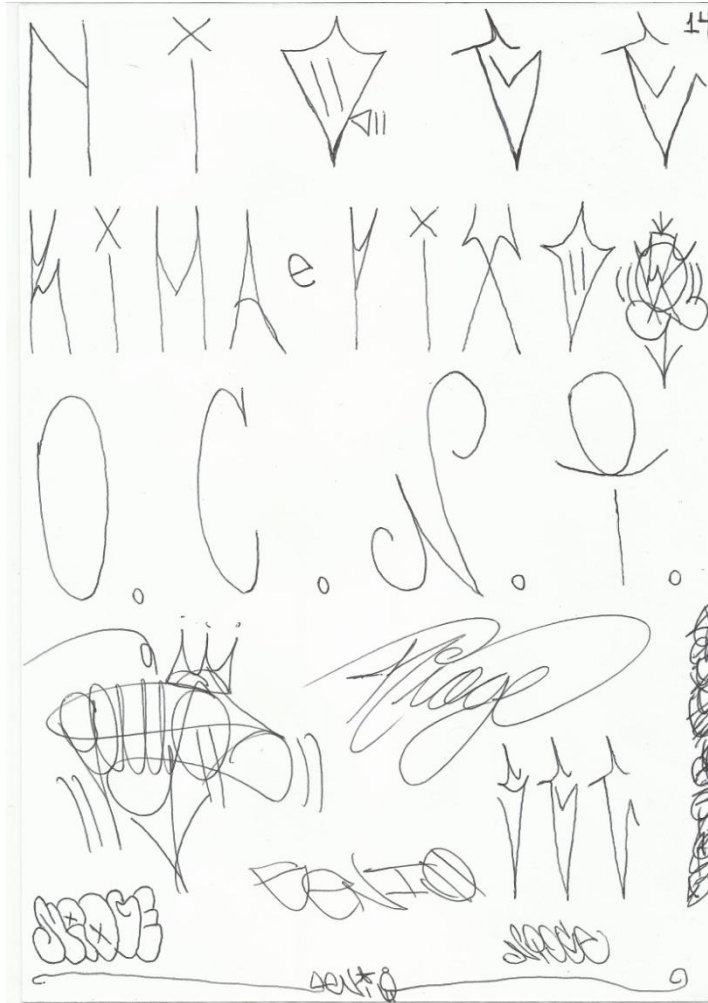
Esses momentos, apesar de não terem sido registrados e analisados, colaboraram, de uma maneira geral, para o desenvolvimento da investigação, pois colocavam o pesquisador e a pesquisa mais próximos dos participantes e da pichação de Florianópolis.

Sobre os entrevistados, a partir do momento que comecei a produzir alguns trabalhos na rua, a relação com outros pichadores foi uma consequência. Ao longo dos quatro anos de atuação como pichador e grafiteiro em Florianópolis pude conhecer os entrevistados desta pesquisa, dessa forma percebi a oportunidade para gravar os discursos de alguns pichadores experientes da cidade e estudá-los.

A primeira entrevista foi feita com NIOGE. Fizemos a gravação dentro da sua própria casa. Este pichador é paulistano, tem vinte e nove anos, mora há nove anos na cidade de Florianópolis, trabalha como Mc e vigia, além de ser estudante universitário. Um aspecto a ser destacado diante da sua entrevista, é que apesar de NIOGE ter começado a pichar ainda na década de noventa, ele compreende que ocorreu uma intensificação desta prática principalmente durante os últimos anos vividos em Florianópolis. Assim como outros pichadores entrevistados, NIOGE fez parte de diferentes grupos de pichadores, conhecidos como “crews”⁴, esta forma de se referir aos grupos será utilizada no decorrer da pesquisa.

Além disso, este pichador adotou diversos codinomes na confecção de seus símbolos, ou “pichos”, ao longo da sua trajetória no movimento. Na folhinha produzida por NIOGE durante sua entrevista, é possível identificar esses elementos. Também é interessante notar a variedade dos estilos de letra que particularizam e compõem essa folhinha:

⁴ “Crew” é a gíria do movimento para se referir aos grupos de pichação que produzem a mesma assinatura na cidade, por exemplo: a “crew” PESTES é composta por 5 integrantes. Esta forma de se referir aos grupos será utilizada no decorrer da pesquisa.



Os demais pichadores, como já colocado, também fizeram folhinhas com suas simbologias, ou pichações, durante a realização das entrevistas. Além das “crews” existem as “grifes”, que são desenhos que simbolizam a união de diversos grupos de pichadores, por exemplo: a “crew” PESTES faz parte da “grife” OS INFERNALIS que é composta por cinquenta e oito grupos de pichação.

Abaixo, na folhinha de PESTES, é possível visualizar o símbolo desta e de outra grife nas quais sua crew é vinculada: OS INFERNALIS (o símbolo no extremo canto esquerdo superior) e OS CLASSE A (simbolizado pelas letras “O”, “C” e “A”, com o “O” representado pelo “YingYang”, ao lado esquerdo do ano, “2014”.):



Esse pichador tem trinta e três anos, é natural de São Paulo, morador de Florianópolis desde 2000. Durante a entrevista feita dentro da sua casa, foi interessante notar como PESTES coloca a pichação como o princípio do seu envolvimento com a arte. No seu discurso, ele valoriza este conceito dentro da sua trajetória de vida, o que pode estar vinculado ao fato de PESTES trabalhar como tatuador e ter o seu sustento relacionado à arte.

REI é outro pichador que compõem o grupo dos entrevistados. Tem vinte e oito anos, também paulistano e mora há sete anos em Florianópolis. A entrevista foi feita na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em uma sala disponível. É importante ressaltar que REI também é um acadêmico e pesquisador das intervenções urbanas, o que pode explicar o fato deste pichador ter se mostrado o mais confortável diante do gravador e da minha proposta, demonstrando familiaridade com o fato de ser sujeito de uma pesquisa. Assim como NIOGE, em sua folhinha, REI desenhou o codinome das diferentes “crews” que ele fez parte durante sua trajetória no movimento da pichação. Outra particularidade desta folhinha é o fato do pichador ter usado a frente e o verso do papel, por isso as duas imagens:



Conhecido pelo codinome MOS, o quarto entrevistado a ser apresentado tem vinte e nove anos, é natural de Curitiba e trabalha de auxiliar de produção em uma empresa de cobertura. Em sua folhinha, este entrevistado só escreveu o seu codinome e as “crews” nas quais ele pertence hoje, diferente de NIOGE e REI, que desenharam o codinome de outros grupos dos quais eles já não faziam mais parte.

Além disso, MOS foi o único que aproveitou a folhinha para escrever o nome do movimento em si⁵:



O último entrevistado é o pichador CSC. Este se tornou um indivíduo relevante para pesquisa pelo fato de todos os outros entrevistados terem citado a importância deste sujeito para a cena de Florianópolis, algo que será discutido devidamente. Há quase vinte anos atuando na capital, CSC é florianopolitano, nunca morou em outro local, tem trinta e um anos e trabalha como cinegrafista. Apesar do tempo percorrido no movimento, CSC nunca pichou outros símbolos além destes que estão colocados na folhinha abaixo:

⁵ Os pichadores paulistanos subverteram a ordem literária e escrevem o nome do movimento com a letra "x" como destacado na Folhinha. A recusa do "ch" ao se referir ao movimento é algo que considero que possa ser objeto de estudo de outra pesquisa. A Folhinha anterior é de um pichador curitibano, ou seja apesar da origem do "X" ser algo regional, pichadores de outras locais aderem essa forma de escrita. Sendo assim, o que representa a pixação com "X"? Se refere especificamente ao movimento de São Paulo? Ou está se referindo a qualquer pixação do Brasil? Neste trabalho compreendo que a pixação é algo regional, paulistana, mas com certeza isso pode ser discutido.



As folhinhas serão utilizadas em outros momentos da pesquisa com o objetivo de demonstrar alguns aspectos em relação aos estilos da pichação, além de ilustrar algumas passagens da memória destes sujeitos. Um terceiro ponto importante é aproximar o leitor e a pesquisa do universo da pichação, já que as folhinhas são registros não só feitos, como também inventados pelo próprio movimento.

Sendo assim, no primeiro capítulo, minha intenção é expandir as interpretações sobre o universo do movimento da pichação. Embasado no sociólogo Michel Maffesoli (2006) e o conceito de “socialidade”, discorro sobre como existem códigos e regras que devem ser assimilados para se tornar um pichador e compreender as características próprias desta proposta de intervenção urbana. Dessa forma, concluo mostrando como ser pichador é algo além do ato de pichar muros, pois existem maneiras singulares de se comunicar que entendo ser essenciais para coesão das propostas do movimento.

No segundo capítulo, o objetivo é tratar sobre a produção da memória destes participantes a partir das características “coletiva” e “seletiva” levantadas por Michel Pollak (1992). Este conceito será relacionado com as trajetórias particulares de cada entrevistado como pichadores, considerando que estes selecionam

temporalidades, eventos, pessoas, crews, e interpretações para constituir os seus discursos. Neste capítulo, discorro sobre uma série de ressignificações que estes sujeitos fazem ao longo do tempo em torno da compreensão entre os entrelaçamentos que constituem a história do movimento nos participantes e dos participantes no movimento.

A pichação é algo que ocorre em grande parte das cidades de grande porte no Brasil, porém, cada cidade possui singularidades que caracterizam a heterogeneidade do movimento. Isso ocorre pelo fato dos pichadores inevitavelmente serem influenciados pelo seus contextos, de modo que diferentes particularidades foram identificadas nos discursos dos entrevistados sobre a cidade de Florianópolis. O terceiro capítulo trata sobre as especificidades da cena florianopolitana, e além de retomar os teóricos citados, relaciono estas características do movimento local com os estudos das pesquisadoras Janaina Rocha Furtado; André Vieira Zanella (2009) e o pesquisador Alexandre Barbosa Pereira (2013).

Por fim a conclusão demonstrando como as afirmações que podemos fazer a partir de cada capítulo, pode nos mostrar como está se sucedendo parte da história do movimento da pichação de Florianópolis no tempo presente. E além disso, como podemos observar que a pichação, em parte, representa uma descentralização dos modos de vivenciar a metrópole impostos pela “normalidade”, o que conseqüentemente torna o movimento algo interessante para os estudiosos que querem interpretar as minuciosas pistas sobre as transformações dos processos históricos que ocorrem na contemporaneidade.

1. EXPERIÊNCIAS E INTERPRETAÇÕES SOBRE A DINÂMICA DA PICHANÇA: O OLHAR DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS

Diante da proposta de compreender a pichação a partir do modo como pichadores de Florianópolis interpretam o movimento, serão destacadas as passagens onde o discurso destes sujeitos apresentam significações sobre a dinâmica da pichação. Dessa forma, poderemos compreender como REI, NIOGE, PESTES, CSC e MOS encaram algumas das características que fazem parte deste movimento. Ao relatarem sobre a sociabilidade, as gírias, os riscos, a adrenalina, o vandalismo, a marginalidade, os estilos e outras expressões urbanas, estes sujeitos lembram de alguns elementos que constituem as propostas do movimento da pichação a partir de identificações estabelecidas em sua trajetória pessoal com relação a essas práticas.

Para compreender partidos elementos sociais que foram observados nas fontes analisadas e constituem esses entrelaçamentos entre a história individual dos participantes e o movimento da pichação, foi necessário buscar um conceito sociológico que conseguisse traduzir as produções de subjetividades entremeadas nas vivências desses pichadores. Ao analisar suas lembranças expressas na constituição dos seus discursos, as identificações que os sujeitos estabelecem em relação ao movimento, podem ser interpretadas como partes integrantes da “socialidade” que permeia a pichação, sobre esta percepção do conceito, o sociólogo Michel Maffesoli explica:

De maneira quase animal, sentimos uma força que transcende as trajetórias individuais, ou antes, que faz com que estas se inscrevam em um grande balé cujas figuras, por mais estocásticas que sejam, no fim das contas, nem por isso deixam de formar uma constelação, cujos diversos elementos se ajustam, sob forma de sistema sem que a vontade ou a consciência tenham nisso a menor importância. É esse o arabesco da socialidade. (MAFFESOLI, 2006, p.133)

Sendo assim, irei discorrer sobre parte do arabesco da socialidade do movimento da pichação na qual minhas fontes, considerando suas devidas limitações, puderam me informar. Nos seus discursos e produções de folhinhas, os pichadores ao acionarem a sua memória, interpretam e nos dão pistas sobre quais elementos que eles se identificam em meio a esse “balé” de significações e

interpretações que podem parecer “estocásticos”, ou seja, enrijecidos por uma proposta coletiva com características singulares, mas que na realidade carregam relatividade e produções de subjetividades que são essenciais para a sua consolidação.

Dessa forma, como citado, as identificações dos sujeitos é um dos elementos dessa socialidade que envolve a pichação. Estes elementos são resultantes, em parte, pela observação destes indivíduos em relação ao movimento. As passagens destacadas abaixo são pertinentes para demonstrar como nos discursos os entrevistados elegem pontos de vistas sobre alguns fatores que particularizam a pichação. É possível afirmar que a existência de uma pluralidade de interpretações nas fontes analisadas, caracterizam a heterogeneidade em relação às significações do movimento e mostram a pertinência quanto a utilização do conceito de socialidade para traduzir parte da sociabilidade dos pichadores.

Apesar das diferentes compreensões, todos os entrevistados desenvolvem relações enquanto grupo no qual exerce uma proposta de intervenção urbana. As interpretações destes pichadores apresentaram uma aproximação entre o intuito de fazer parte do movimento e de se afirmar como pichador de Florianópolis. A coletividade é um pressuposto da pichação, ainda que as práticas possam ser feitas sozinhas, elas estão inseridas em um código compartilhado coletivamente. Estas regras comportamentais fazem parte da socialidade do movimento, este conceito tenta se referir a esta névoa social que transita e se entrelaça sobre as práticas e o cotidiano dos pichadores, formatando questionamentos importantes sobre as interpretações históricas que analisamos nos discursos dos sujeitos.

Ser pichador, não é só sair para pichar na rua, como coloca NIOGE: *“ah, tem várias paradas envolvidas, né. Rolê, conhecer gente, deixar a marca do cara... essas parada aí tudo.”* Para o entrevistado, a pichação se constitui como uma forma de socialização. Além do fato de deixar sua marca, as conversas, os encontros, os rolês⁶, as brigas, as histórias, todos estes fatores transformam e constituem o movimento. Nesse mesmo ponto de vista, para o pichador PESTES, a pichação pode ser traduzida pela palavra amizade:

⁶O rolê é a gíria utilizada pelos pichadores para traduzir o momento que vão pichar a rua. Por exemplo: “Fiz um rolê ontem”, significa que no dia anterior o indivíduo saiu para pichar.

A pichação é mais ou menos assim: o bagulho é mais a amizade. Porque o picho apaga, a amizade não vai apagar nunca. E daqui vinte anos tu vai encontrar o cara e vai falar: “Porra, lembra aquele rolê que nós fizemos lá?”. Vai cascar o bico! Vai lembra, “ô, lembra aquela treta que rolou com nós? Que os homi pegou nós e deu um pau?”. Então, é mais ou menos isso que é a pichação. É a amizade o bagulho. Picho, tem picho que fica aí nem três dias na parede e já apaga. Ou pode ser que fique dez anos ou vinte anos, mas uma hora vai apagar. Mas a amizade não, e a recordação também não. Pichação pra nós é isso, é a amizade, é o momento.

As relações de amizade da pichação fazem parte do código de regras que constituem socialidade deste movimento. Não há um modo rígido que caracteriza a maneira do pichador se relacionar, porém, existem regras comportamentais que são valorizadas pelos praticantes. Para ser um movimento, para que a história da pichação se individualize, existem maneiras de falar, agir, se vestir, e expor seus trabalhos nas ruas que traduzem a linguagem e a proposta dos pichadores. Nesta passagem, REI conta que em sua trajetória, a maneira como descobriu alguns códigos da pichação não foi tão amistosa:

Foi atropelando um maluco que eu aprendi isso, né... que eu aprendi que o negócio era mais quente ainda. (...) Um dia eu fui lá e pichei... se não me engano foi um outro camarada. Fez a última letra do 100%NOIS no começo da letra do outro, tá ligado? E achou que não dava nada. Aí os caras colaram lá e o cara tomou um coro. “Ah, vocês atropelaram lá!”, “Como assim, atropelaram?” Aí depois a gente foi ver era um pedacinho assim, tá ligado? “Aí, caralho, não sabia... foi mal mesmo...”

É interessante notar como REI, apesar do amigo ter “tomada um coro”, ou seja, apanhado, no final da fala diz: “Aí, caralho, não sabia... foi mal mesmo...”. Isso demonstra como existe um código no qual os praticantes devem se submeter a certas regras. Se o pichador quiser continuar no movimento, deve arcar com esses pressupostos. Se isso não ocorrer, as consequências podem ser violentas. Sendo assim, a noção de amizade que PESTES destaca, também é constituída por certos códigos da pichação, os quais não são necessariamente pacíficos, como é possível perceber na fala de REI.

Como já citado, é necessário compreender esse conjunto de regras sociais pois é algo lacunar dentro da dinâmica da pichação. Com o intuito de demonstrar novamente a pertinência quanto a utilização do conceito de socialidade, para interpretar parte destas regras, Michel Maffesoli apresenta uma hipótese que define o conceito:

Essa hipótese é a da socialidade. Suas expressões podem ser na verdade, muito diferenciadas, mas sua lógica é constante: o fato de partilhar um hábito, uma ideologia, um ideal, determina o estar-junto, e permite que este seja uma proteção contra a imposição, venha ela do lado que vier.(...) A confiança que se estabelece entre os membros do grupo se exprime por meio de rituais, de signos, de reconhecimento específicos, que não tem outro fim senão o de fortalecer o pequeno grupo contra o grande grupo. (...) a partilha do afeto, ao mesmo tempo em que confirma os laços próximos, permite resistir as tentativas de uniformização. (MAFFESOLI, 2006,p.159)

Sendo assim, para entender a socialidade da pichação florianopolitana, uma das necessidades é estar habituado aos termos e gírias que são compartilhadas entre os pichadores. O modo de interpretar, agir e falar, é uma característica relevante do movimento, já que é garantida uma coesão por meio do vocabulário compartilhado.

Como REI coloca na passagem anterior, *“foi atropelando um maluco que eu aprendi isso”*. “Atropelar” é uma das gírias da pichação, que significa pichar em cima de uma pichação que já foi feita na rua. Este “pichar por cima”, pode ser interpretado de várias formas, não é necessariamente apagar uma pichação já feita e fazer uma outra no mesmo local. No caso descrito por REI, só *“um pedacinho assim”* já foi motivo para o seu amigo *“tomar um coro”* do outro pichador.

Um exemplo da importância dos códigos de conduta compartilhados entre pichadores para o movimento, é o fato de que após este relato, REI dá razão ao pichador agressor e não ao seu amigo: *“Tem que saber fazer. Como a gente fez a gente não soube. Foi de bafo mesmo.”*. “Bafo” é mais uma das gírias da pichação, comumente utilizada para ofender outro pichador. Em seguida, REI descreve o que é “ser bafo”:

É o que quer fazer parte, mas não faz. Porque o cara pode ter humildade, né... falar não sei fazer direito, mas eu tô aqui aprendendo. Aí o cara não é bafo. Então o lance não tá em saber, na técnica, no ser bom ou ser ruim. Bafo

é o cara que se atravessa, o cara que não faz parte... tem os caras que mandam bem na letra mas é bafo, tá ligado?

Sendo assim, a partir das análises desta fala notamos como existe algo relativo em torno da questão do “ser bafo”. Para esse pichador, um iniciante que se admite como tal, apesar de inevitavelmente demonstrar sua falta de perspicácia em relação a prática, ainda pode não ser considerado “bafo”.

Fazer parte da pichação é compreender o “jogo” em torno dos códigos e regras que a compõem. No entanto, é possível perceber a produção de subjetividade em algumas questões que relativizam e constituem interpretações destes códigos. Os traços de individualidade dentro do grupo podem não ser homogêneos e uniformes, mas são inspirados pelo sentimento de pertencimento ao movimento. Ser pichador também significa produzir subjetividades em torno das regras da pichação.

Por exemplo assim como REI relativiza a questão do ser “bafo”, também faz o mesmo com a ideia do “atropelo”. Para isso, ainda falando sobre o episódio já descrito, ele utiliza-se de outra gíria: o “encostar”:

É que tinha uma parada também que o muro é grandão... aí eu vou lá e colo meu picho no dele. Tipo, “pô, por que tu veio encostar no meu picho? Faz mais pra lá!”. Lógico, se o cara é meu brother aí é outra coisa... aí encosto até propositalmente pra mostrar que tá junto, tá ligado? Mas se não tá junto o cara pode não curtir. Então eu comecei a ver que tem que ter uma malícia pra saber quando chegar perto e quando não chegar.

“Encostar” significa fazer uma pichação muito perto de outra quando o muro tem um grande espaço. “Encostar” e “atropelar” são gírias que traduzem algumas práticas da pichação mal quistas por alguns pichadores. Porém, assim como o “ser bafo”, o significado dessas gírias é permeado e constituído por uma “malícia pra saber quando chegar perto e quando não chegar”. Esta parte do discurso exemplifica a existência de códigos e regras sociais, muitas vezes não tão claros, nos quais os praticantes devem se submeter para ganhar a credibilidade do grupo e se tornar um pichador.

Além das gírias, existem outros fatores que constituem o universo da pichação. Um deles é o risco: todos os pichadores entrevistados colocam como é arriscado pichar. Sair para pichar é inerentemente transgredir leis, o que pode resultar em consequências judiciais para os participantes. Além disso, o pichador CSC ressalta que o fato da estética das letras serem impactantes, torna a prática socialmente malquista. Segundo ele, esse sentimento é intensificado conforme o crescimento do movimento. Para CSC, quanto mais pichação houver pela cidade, mais arriscado será as saídas para pintar:

Como a pichação vai andando, o bagulho vai causando ao mesmo tempo, porque ela é muito impactante, ela é mais impactante que um graffiti bonito. Então ao mesmo tempo que ela tá crescendo, ela tá ficando perigosa. Então eu tô sendo cauteloso tá ligado, eu não tô com medo, não tenho medo, mas eu tô com medo de ir pra cadeia por causa da pichação, tá ligado. Porque tem o meu trabalho, sou recém-casado, mas minha pegada é essa aí tá ligado... Porque tu sabe se você vacilar eles vão te grampear né mano.

Assim como CSC, que se preocupa com outros projetos de vida paralelos à prática da pichação, como “o trabalho”, e a questão de ser “recém-casado”, a cautela é praticada por outros pichadores. REI ressalta como o fato de desconhecer a lei e não saber o que suas transgressões podem lhe causar, acaba tornando-se um ponto negativo em relação a pichação:

Negativo, velho... olha... negativo eu acho que é o lance da... nem sei, cara... nem sei se se dá pra dizer entre negativo e positivo, porque isso tudo que eu falei em viver a rua, também, por mais que seja da hora, pode ter seu lado negativo... as vezes é perigoso. Eu fico cabreiro né, de sei lá... sujar o nome e eu nem sei como é que funciona as leis direito. Mas de não poder prestar um concurso, de não poder... sei lá, de foder... Porque eu também tenho outros projetos paralelos que a pichação caminha junto. E fico pensando até onde que a pichação pode atrapalhar isso também... o negativo tá aí. Mas até então eu acho que é meio que medo mesmo... porque no fundo eu acho que não atrapalha não.

Apesar de ponderado, o relato de REI admite os riscos que envolvem a prática da pichação. Assim como CSC, ele não considera o risco como algo possível

de fazer com que eles parem de pichar. Porém, a cautela existe pois há a noção de que o perigo é eminente e pode acontecer algum imprevisto maior.

É por isso que o pichador PESTES não aconselha ninguém a ser pichador. Além da ilegalidade, os pichadores arriscam as suas vidas para deixar as suas marcas nas alturas:

Pô, eu não aconselharia ninguém a pichar mano, porque o bagulho também é arriscado pra morrer. Porque vários pichador já morreu, aí... Como eu falei, não é todo mundo que gosta do bagulho, né mano. Mas pode pegar um loco aí que não gosta e tá armado, o cara pode morrer por causa de uma brincadeira. Sendo que tu tava ali só fazendo uma brincadeira, pra nós é um esporte. Esporte de perigo, profissão perigo. E aí nós gosta do bagulho e nós vamos até o final, mas aconselhar eu não aconselho ninguém não, mano.

Um relato do pichador MOS exemplifica como a morte pode acontecer por consequência de quedas, mas também pela questão de estar produzindo em locais que transgredem a noção de propriedade das pessoas:

Já teve situações da gente estar fazendo pichação, aí no caso uma transgressão mesmo contra a sociedade, da gente estar pichando, e eu estar pendurado em uma janela. O cara saiu na marquise do lado assim, e com o 38 apontado pra mim, logo que eu tinha acabado a pichação ai eu joguei a lata lá pra baixo. E aí um brother meu aqui de Floripa, o NIOGE, ele catou a lata assim, e o cara que saiu na janela, apontou pra mim e perguntou “o que você está fazendo aí?”. Aí, meu, minha única reação na hora assim, foi falar: “não meu, só jogaram meu boné aqui, vim pegar meu boné”. Daí ele me disse “então vai, só desce então...” Então tipo, se corre riscos! Ao mesmo tempo que você tá querendo passar alguma coisa, que com certeza a sociedade não vai gostar, você tá correndo o risco de fazer aquela parada que você gosta.

Como podemos perceber no conjunto destas passagens que falam sobre riscos, nenhum dos pichadores coloca essa questão como algo determinante para abandonar esta prática. O risco é encarado como uma consequência inerente a proposta de intervenção urbana da pichação. Correr da polícia, se dependurar em lugares altos, ou ter um revólver apontado para o seu rosto, são situações que

podem acontecer nas saídas para pintar e fazem parte das conversas entre os participantes. Ser pichador é compreender e saber lidar com essas situações, são ocasiões que fazem parte da vivência destes pichadores.

Assim como a malícia em relação ao “atropelo” e o significado do “bafo”, o “jogo de cintura” para sair das circunstâncias mais arriscadas também é valorizado pelos praticantes. Dentre todas as saídas para pichar que MOS poderia ter me contado, ele seleciona um acontecimento no qual conseguiu se desvencilhar de uma situação de perigo. Considerando que este sujeito está no movimento há 14 anos, acredito que ele já tenha passada por outras situações de risco. Porém o fato dele ter conseguido agir com a malícia necessária, diante de um revólver apontado para o seu rosto, torna a história um motivo de orgulho para este pichador e seu amigo NIOGE que lhe ajudou.

Ao lidar com estas situações, o pichador encontra um outro fator que pode ser encarado como um dos prazeres da pichação, aspecto que pode ser identificado na fala de NIOGE: *“a adrenalina que envolve estar no rolê, fazendo uma parada que querendo ou não é ilegal.”* Como descrito, não só a ilegalidade como outras formas de se arriscar podem ser atribuídas aos perigos que envolvem a pichação. Porém, ao mesmo tempo que os riscos se tornam um ponto negativo, eles podem ser apontados como positivos por alguns pichadores que valorizam a adrenalina e o vandalismo.

Nas horas imprevistas, inevitavelmente, o corpo produz uma carga de adrenalina que transforma aquela situação: lidar com a adrenalina, senti-la ou até mesmo lembrar os momentos em que ela estava agindo, é algo prazeroso para os pichadores. Transgredir os limites não só das leis, como do seu próprio corpo, ou seja, conseguir administrar o medo e agir conforme a sua proposta de intervenção, é algo que não só faz parte, como é valorizado dentro do movimento da pichação. É o caso descrito por PESTES:

Eu particularmente gosto mais da pichação. Porque? Porque é uma coisa mais rápida, a adrenalina é maior, o dinheiro também é menos, é menos tinta... e um dos motivos mais é a adrenalina, né. De tu estar fazendo sabendo que aquilo lá é ilegal e que tu pode rodar, né. Mas sabendo que se tu conseguir fazer o bagulho vai ficar da hora e se tu passar lá no outro dia

de manhã vai falar, “pô, fui em quem fiz”. E sabendo que um monte de gente vai olhar também, né. Mesmo os que não gostam, vai olhar: “ó, o moleque fez ali, ó”. E assim vai...

No final do depoimento de PESTES, ele demonstra não se importar com o fato de outra pessoa olhar sua produção como algo malquisto. Isso se repete nos outros relatos e demonstra como os pichadores encaram o que é colocado como vandalismo como um ato de resistência. Há uma interpretação subversiva em relação ao papel do cidadão perante os espaços urbanos, a qual constitui significações para pichadores perante a sua prática, como REI exemplifica: *“Então eu gostava de uma parada... não vandalismo gratuito, ligado a destruição, que pode parecer vandalismo destrutivo, não esse vandalismo... mas o vandalismo de subversão, de se apropriar.”*

A marginalização e o preconceito em torno da pichação acabam tornando o vandalismo algo coerente para alguns pichadores. Segundo MOS:

Então eu acho que a pichação mesmo, é mais por necessidade de estar querendo se expressar e estar querendo divulgar e tal... Eu curto mesmo a pichação anarco, pichação de transgressão mesmo, não acho nada mais justo do que você passar esse caos que você vive para a sociedade.

Ou seja, para esse pichador a linguagem e a proposta da pichação traduzem alguns sentimentos de “caos” que a sociedade lhe impõem. Para MOS, a pichação é a forma de intervenção urbana mais adequada para expressar o sentimento caótico que ele vive no seu cotidiano e resistir. Isso ocorre pela identificação deste sujeito com o movimento da pichação, a fala de MOS evidencia o entrelaçamento entre a pichação e sua história de vida, de modo que esse sujeito constrói identificações e gera sentidos para si mesmo, amparado nas propostas e na trajetória deste movimento. Nesse sentido, o “indivíduo” e o “pichador” são facetas dialógicas de um mesmo sujeito, onde um tem interferência sobre o outro.

As respostas dos entrevistados sobre os locais da cidade que eles não pichariam, são emblemáticas da multiplicidade de perspectivas existentes no movimento. Isso ocorre pela apropriação individual que é estabelecida por cada participante, de forma que a interpretação que o sujeito faz sobre a própria prática

da pichação é carregada de valores que extrapolam o movimento e se fazem presentes em outros aspectos de suas vidas. Desta forma, os códigos, as regras e as características da pichação mais uma vez demonstram como devem ser compreendidos considerando suas relatividade e produção de subjetividade intrínsecas. Sobre isso, PESTES e NIOGE comentam os locais que não pichariam:

Igreja eu não picho. Igreja jamais eu vou pichar. O resto nós picha tudo mesmo. Só igreja que não, que nós respeita, né mano. Tem um monte que não respeita, mas eu respeito. Eu particularmente jamais eu picharia igreja.

Que eu não picharia? Ah, eu não sei mano. Porque é foda o cara falar e depois ir lá e pichar. (risos!). Mas sei lá, eu acho que é mancada igreja, escola, posto de saúde, centro comunitário... casa humilde assim, tá ligado? Sei lá.

Estas passagens exemplificam a multiplicidade de interpretações que caracterizam parte da relatividade do movimento, pois mostra que não há uma regra rígida quanto aos locais que devem ou não ser pichados.

O pichador CSC, quando indagado sobre a mesma pergunta, utiliza as palavras como “energia”, “corrente forte” e “espiritual” para evidenciar as produções de subjetividades que envolvem os critérios de escolha dos locais para a pichação:

Vários lugar né mano, eu sou um cara que sou cuidadoso com a parada, eu sou um cara que sou boêmio, eu gosto da gelada, apesar das minha dificuldade de caminhar sou um cara que piloto bem. Como eu te falei, já passei por várias Blitz e ninguém me parou por ter uma energia boa, uma corrente forte. Quando eu saio pro rolê é pra nós faze um bagulho certo! pra ninguém sair prejudicado, nem o cara da casa, e nem o cara que tá comigo tá ligado? Então, eu procuro pichar em lugares espirituais. Eu chego em casa e agradeço, por mais aventura que seja.

A subjetividade também é produzida e exemplificada quando REI comenta sobre o que lhe chama atenção nas intervenções que observa pela cidade:

Tem uma energia, velho, que é passada na própria letra. Cada letra tem uma energia diferente. E aí é silencioso mesmo... não tem nenhum motivo muito

objetivo, assim. As vezes tem, o nome, a cor e tal... mas o motivo é mais silencioso. É a energia de cada manifestação.

Estas características subjetivas que fazem parte da constituição dessas percepções podem ter uma parcela interpretada como fruto da experiência que estes pichadores adquiriram em torno do movimento. Perguntei ao pichador CSC, como ele identificava estes locais “espirituais” em meio a cidade, sua resposta: *“pelas pessoas e pelo meu proceder de ter saído do carro e chegar chegando.”*. Para saber quem são estas pessoas e conseguir pichar sem maiores imprevistos, compreendo que estar habituado com a prática se torna um fator essencial. Dessa forma, CSC garante que *faz “um bagulho certo! Pra ninguém sair prejudicado, nem o cara da casa, e nem o cara que tá comigo”*.

Sendo assim, mais uma vez os códigos da pichação aparecem. Dessa vez em relação aos locais escolhidos para as produções no ambiente urbano. Para o pichador CSC, existe um olhar que deve ser desenvolvido sobre os muros da cidade, questão que será aprofundada no capítulo três. Ter o “proceder”, saber identificar os “muros espirituais”, é algo que se adquire com o tempo, com a vontade e a persistência de pichar na rua. Ou seja, as percepções sobre as produções de subjetividades em torno do movimento, também são constituídas pelo lado prático da pichação.

Quanto a perspicácia envolvida no ato de escolha dos locais onde as intervenções devem ser feitas, a passagem de REI tratando das pichações que lhe surpreendem, demonstra outra maneira de metaforizar o lado prático que constitui parte das subjetividades do movimento:

Tem que estar em um pico que é muito silencioso, assim. Que passa uma rasteira, sabe. A cidade pede muito. A cidade pede pichação. Graffiti, intervenção. A cidade tá chamando. Então o pichador, o que se diferencia, é o cara que consegue escutar aonde botar o trampo dele. Não é simplesmente, “ah, tem aquele muro, vô botar naquele muro”. É sair no role, ele vai estar tão entregue pro role que ele vai escutar o muro que pede. Lógico, isso aí não vai ser todas as pichações do cara que vão ser assim... mas vários muros pedem mesmo. E não dá pra dizer porque pede... mas quando pede e o cara manda aquilo que o muro estava pedindo... aí depois

tu olha e fala: “porra, aí foi, velho!”. Aí é relativo com o tamanho, com o local, as vezes com a dificuldade e tal... mas quando pede e o cara escuta...

Sendo assim, para desenvolver este “ouvido” ou este “olhar para os muros da cidade”, é necessário se doar ao movimento e exercitar essas percepções. Mas quais podem ser os motivos que movem estes indivíduos a atuarem especificamente como pichadores? Perguntei a NIOGE qual era a característica particular da pichação que lhe atraía comparada as outras intervenções urbanas:

Ela é a mais... tipo, não vendável eu acho, tá ligado? Mas... só quem faz o bagulho mesmo, praticamente, que gosta. Isso que é a parada mais loca eu acho. É um bagulho que... quem não picha, geralmente odeia o bagulho. “Ah, é desocupado, é vandalismo, é não sei o que...”. Mil definições, tá ligado? Mas pra quem picha, aí não, é diferente. Então eu acho que é mais ou menos isso.

Podemos compreender que NIOGE exalta a marginalidade da pichação. Para este pichador, o fato do movimento ter como característica agradar apenas os próprios participantes, torna-se a grande diferença em relação as outras intervenções urbanas. NIOGE entende que a pichação é a mais “não vendável” das intervenções urbanas, a mais difícil de ser ressignificada pelo mercado consumidor. Sobre esse tema, REI coloca:

Por ser uma parada realmente agressiva, eu acho que vai ser difícil dominar. Mas domina. A maioria acabou dominando. Mas os pichadores estão se esquivando. Eu acho que ainda estão. Eu acho que essa é a grande potência da pichação hoje em dia.

Compreendo que essa potência que motiva REI, seria constituída, em parte, pela marginalidade do movimento. Porém, há também as interpretações que combatem as significações preconceituosas em torno da pichação. CSC esclarece que a proposta da pichação não é ofensiva, assim como outras práticas consideradas marginais pelo senso comum.

É que nem tu fumar um baseado e mostrar que não faz mal pra ninguém. A pichação é a mesma coisa mano, ninguém tá dando tiro, ninguém tá

escrevendo “vai tomar no teu cu”. Ninguém tem nada, ali é um bagulho que tu tá se expressando...

Os relatos que significam a pichação como uma forma de expressão, podem ser interpretados a partir de um pressuposto: as marcas dos pichadores também devem ser aceitas pela sociedade como um direito de expressão comum a qualquer outro cidadão. Sobre o mesmo ponto de vista, MOS explica:

Então como eu falei ali, o COMBOIO, ANOR+, UNIÃO PROVOCA ESPANTO, RADAR, CSC, BUDGAUS, MARIA, NIOGE”. Enfim mano, qualquer outro pichador que tem seu nome nas ruas, ele também tem aquele tipo de necessidade de estar expressando algo nas ruas. Seja trazer o Hip Hop pra si, ou fazer uma transgressão, um manifesto de alguma coisa.

Mais uma vez, as fontes demonstram a multiplicidade das interpretações sobre cada característica deste tipo de intervenção urbana, dando ao leitor uma noção da dinâmica em torno da pichação que interpreto como constituída em parte pela socialidade do movimento. A exaltação da marginalidade que envolve a prática e, ao mesmo tempo, uma perspectiva diferente, na qual a expressão artística se sobrepõe ao vandalismo, é algo complexo e exprime, outra vez, a produções de subjetividades e a relatividade intrínsecas as análises das fontes.

A marginalidade provoca e atinge o objetivo em torno da proposta subversiva dos pichadores. Porém, existe a satisfação em torno da possibilidade de se expressar em meio ao espaço urbano e ser reconhecido como integrante de um movimento com uma proposta singular em relação as outras intervenções urbanas, o que é algo de alcance internacional. Sobre isso, nesta passagem de PESTES podemos compreender essa dualidade interpretativa:

Só quem é pichador que vai entender mesmo, tá ligado? Porque quem não é pichador olha o bagulho assim... e fica meio traumatizado, né? Pensa que é vandalismo, mas isso daí é uma arte, né mano. É arte urbana, né. Isso daí tem vários caras de fora que vem aqui pra ver os bagulho, as pichação. Os caras sobem prédio, escalam janela, doze andares, sobe por fora, várias janela... prédio... o bagulho é de mil grau mesmo. Só quem gosta mesmo é que vai saber.

Ao mesmo tempo que este pichador, exaltando a marginalidade, destaca o fato de só pichadores entenderem o movimento, há uma satisfação envolvida com o fato de pessoas estrangeiras virem ao Brasil e admirarem estas intervenções urbanas. Outro ponto é a introdução da pichação nas discussões que permeiam as artes urbanas, um aspecto que inevitavelmente demonstra a aproximação do movimento em relação a outros espaços sociais mais privilegiados.

Este trabalho, assim como outros estudados, são exemplos de como estas práticas marginalizadas estão ganhando novos ares. Uma das consequências em relação as discussões sobre a pichação, trata do conflito de discursos em torno do que seriam as técnicas, os estilos e a própria história do movimento. A passagem anterior e a destacada abaixo, demonstram como estas discussões estão sendo exercidas não só no ambiente acadêmico, mas também pelos pichadores:

É poucas pichações em alguns lugares, mas tá chegando já o bagulho. Daqui a pouco vai ser o Brasil inteiro, né. O bagulho é arte urbana. Isso aqui é só no Brasil que tem, né. No Brasil e nos Estados Unidos, em Nova York. Na real foi lá de Nova York que veio a pichação, mas veio como “bomb”, tá ligado? Não era pichação. Pichação mesmo, exclusiva, é só no Brasil, mano. A letra é diferente. Lá nos Estados Unidos os caras faz, mas faz “bomb”, “tag”, não é que nem nós aqui no Brasil, né mano. Apesar de que no Rio de Janeiro copiam os caras lá de Nova York e faz as “tags”. Em São Paulo também tem os “tagueiros”, mas é mais “pixo reto” mesmo, né.

A partir desta passagem podemos perceber como o discurso do pichador PESTES levanta algumas considerações sobre as questões salientadas no parágrafo anterior. Este pichador compreende que a pichação é algo proveniente do graffiti Nova iorquino. Mas ele diferencia os movimentos ressaltando a estética da letra particular da caligrafia urbana brasileira.

Além da diferenciação com o graffiti, PESTES reconhece que em meio ao que se pode considerar uma pichação, existem os “tagueiros”. Além do “tag”, cita o “pixo reto”, que são estilos de pichação. Em outra passagem do mesmo pichador, ele relata que “cada estado tem um estilo de letra, né. E aí vai, cada um vai se adaptando no seu estado, né.” Sendo assim, para alguns, esses estilos podem ser

relacionados as cidades onde os pichadores produzem suas intervenções. Sobre isso NIOGE explica:

Mano, tem a pixação reta. Que é mais o estilo de São Paulo, aquela caligrafia meio banda de metal e tal. Tem o “Tag”, que já é mais, mais graffiti, um bagulho mais redondo, mais curvas, mais emboladão. Tem os pichos do Rio de Janeiro, que é diferente do pixo reto de São Paulo. Que é o “charpi” que os caras falam lá. Ah, cada lugar tem uma característica, os pichos de BH assim, já puxa mais pro lado de São Paulo, mas ao mesmo tempo que parece, tem mais umas curvas, entendeu? A parada é um traço mais solto assim, não é tão retão. Curitiba já é mais retão, Porto Alegre também. E acho que é isso. Pixo Reto, São Paulo, Rio de Janeiro, Tag.

O pichador demonstra como, em sua perspectiva, existem duas cidades, Rio de Janeiro e São Paulo, que carregam as principais características que influenciam a pichação das outras capitais. Como já destacado, no Rio de Janeiro as “tags”, ou o chamado “charpi”, apresentam uma estética mais “emboada”, os traços são orgânicos, curvos, quase incompreensíveis e feitos com spray. Destaco algumas rubricas da folhinha do pichador NIOGE que podem ser interpretadas como tags:





Esta estética exemplifica uma forte influência do graffiti estadunidense. O nome “tag” é proveniente desta cultura e pode ser encarado como um sinônimo de assinatura. A “pixação reta” é o estilo paulistano. Além do spray, há a utilização do rolinho para as produções, além disso a estética é formada por linhas retas e pontiagudas, cor preta e similaridade com as fontes das capas de discos de metal da década de oitenta e noventa.

O pichador PESTES partilha desse ponto de vista: *“Tem o pixo reto, que é o de São Paulo. Que é as letras retas. E tem o “tag”. São três estilos, na real, na modalidade pichação, quer dizer, são dois estilos: que é o tag e o pixo reto.”* Proveniente de São Paulo o estilo “pixo reto” é o mais reconhecido entre os que compõem a pichação. A adoção da letra “x” em vez do “ch” ocorre pelo fato dos praticantes terem modificado a norma culta da língua, com o intuito de transformar a própria expressão em algo particular ao movimento (SÁ, Xico in: BOLETA, 2003, p. 2). MOS escreve na sua folhinha o nome desta forma de intervenção urbana utilizando-se do “x”, o que exemplifica esta constatação, além de poder dar a noção do estilo reto das letras que estou me referindo:



Além disso, o pichador MOS amplia as perspectivas em torno dos estilos relacionados aos contextos urbanos:

Pichação, os tipo de pichação né, tem pichação “pixo reto”, que é aquelas letras pontiagudas e tal, até indico, se quiser colocar ai nessa parada o livro “Caligrafia Urbana Brasileira”. E ai é meio que um negócio que ele retrata o local, por exemplo: Rio de Janeiro uma quantidade de favela grande e a cidade toda embolada, então o “Tag” dos cara é um monte de assinatura embolada e a cidade toda carimbada. Curitiba é cidade plana e ao mesmo tempo ondulado com bastante morro, então as letras são retas e pontiagudas; São Paulo uma cidade com muito arranha céu, muito prédio no centro, então as letras são mais pontudas assim e pã. Ai se vai lá pra Brasília no Distrito Federal, é um lugar queé concentração de casa, área verde, concentração de casa, área verde. Então a pichação lá, eles fazem “embolada”, e a sobra do muro, a pontinha, eles sai riscando pra acabar a lata, é meio que um negócio territorialista assim. Eu acho que quem fez esse estudo, mandou bem, eu acho que tem muita coisa a ver sim. Porque é uma parada que você tem a necessidade de estar se expressando e ao mesmo tempo tem o lance do contexto da parada. Lógico que tem muita gente que pega a letra de um, ou a letra de outro, mas acho que também tem muita a ver com isso aí, com a sociedade e o contexto onde você vive.

Nesta passagem fica clara a perspectiva e o embasamento de MOS em relação a questão estética relacionada ao contexto das cidades. Também podemos observar que o espaço que a pichação ganha nas livrarias e nos estudos acadêmicos influencia a forma como este indivíduo significa as suas experiências no movimento.

A pichação pode ter estilos não só relacionados a estética e ao contexto de produção. Também existem as modalidades que ressaltam as formas e os locais que os pichadores atuam na cidade, MOS explica: *“pichação tem várias modalidades, tem uns cara que faz o rolê de solo, tem uns cara que faz de janela, tem uns cara que faz o rolê aéreo, tem uns cara que faz de extensor e tal”*.

O “rolê solo” seria o momento onde os pichadores saem sozinhos para pichar a cidade. A dificuldade está no fato de não ter ninguém olhando a rua para dar qualquer aviso, caso haja policiais ou qualquer outro imprevisto. O pichador que “faz janela” é aquele que utiliza as janelas como parte das suas produções. Esta modalidade resalta a dificuldade de pichar, pois as janelas podem estar em locais altos, além da perspicácia em relação ao exercício do olhar do pichador em torno da arquitetura urbana. Os pichadores que fazem o “rolê aéreo” são aqueles que não se satisfazem com locais baixos, procurando pichar prédios e outras estruturas altas. E a última modalidade citada, o “extensor”, resalta o material utilizado para a produção, no caso, um cabo extensor de rolo de pintura comum. É possível identificar o uso desse material em algumas pichações de larga escala, feitas em locais com grande espaço disponível em meio ao ambiente urbano.

Concluindo, apesar de existirem diferentes modalidades e técnicas que fazem parte da pichação, ser pichador é compreender a dinâmica do movimento e não somente se identificar com um dos estilos e praticá-lo nas ruas. Constituir-se como pichador, é mais do que somente pichar muros, é também necessário estar inserido em uma determinada rede de contatos, já que essa prática perde significado quando desenvolvida de forma isolada.

A trajetória de vida dos entrevistados e da pichação se entrelaçam para constituir as histórias destes pichadores e do movimento em Florianópolis. O conceito sociológico “socialidade” de Michel Maffesoli (2006), foi pertinente para embasar este capítulo, que teve o objetivo de dar ao leitor uma compreensão sobre como ocorre parteda dinâmica do movimento, demonstrando algumas características que diferenciam este tipo de intervenção urbana e as vivências dos pichadores em meio ao tempo presente. Todas estas afirmações têm como pressuposto o fato de estarmos falando de contextos históricos específicos que envolvem as cidades e as memórias das trajetórias de vida de cada um dos entrevistados.

2. PRÁTICAS DE MEMÓRIA SOBRE A PICHAÇÃO

No capítulo anterior, expus como as trajetórias de vida destes cinco pichadores se relacionam, produzem, constituem, e transformam as interpretações dos códigos e regras que compõem parte das relações sociais traduzidas pelo conceito de socialidade sobre o movimento. Agora discorro com intuito de expor como as memórias destes sujeitos ressignificam suas histórias quando relatam algumas das suas experiências como pichadores.

A memória destes participantes será investigada por meio dos relatos produzidos durante as entrevistas, especialmente os momentos nos quais relembrou experiências vividas. Além disso, as folhinhas também irão constituir o capítulo, contribuindo para ilustrar elementos dos discursos dos entrevistados.

Os estudos de Michel Pollak (1992) apresentam a memória como um fenômeno coletivo e seletivo. O pesquisador comenta como esta interpretação sobre o conceito compreende que a memória é constituída por: “acontecimentos”, “pessoas” e “lugares” (Pollak, 1992, p.1) que coletivizam as lembranças. Para produzir tais percepções, há a necessidade de uma seleção da memória em torno dos momentos coletivos e dos elementos que tornam as recordações algo compreensível para o indivíduo expressar em um discurso.

Primeiramente, os acontecimentos dizem respeito ao grupo ou a coletividade na qual o sujeito pertence. Tais acontecimentos podem ser “vivos pessoalmente” ou por “tabela” (Pollak, 1992, p.2) e são traduzidos, neste caso, pelos elementos que permeiam a memória dos participantes em relação às perguntas sobre pichação. O conjunto de tais elementos constitui as lembranças expressas nos discursos dos entrevistados.

Sobre as “pessoas” Pollak salienta: “falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens freqüentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas.” (Pollak, 1992, p. 2). Os personagens desta pesquisa são evidentemente os próprios entrevistados e as diversas crews, grifes, pichadores e admiradores que compõem as lembranças dos participantes.

Quanto aos “lugares”: “existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode

não ter apoio no tempo cronológico” (Pollak, 1992, p.2). As memórias dos entrevistados irão remeter o leitor a períodos do espaço tempo que compõem as histórias destes participantes na pichação, como por exemplo, à infância de CSC, MOS e PESTES nos seus respectivos bairros.

Sendo assim, como já colocado, esta pesquisa estuda o discurso dos participantes compreendendo que dessa forma temos acesso a uma parte da memória destes sujeitos. Após a descrição de alguns aspectos que compõem a memória, embasados em Michel Pollak (1992), compreendo que o exercício cognitivo que é acionado para expressar as lembranças seja composto por uma seleção de acontecimentos, personagens e lugares.

Além da questão coletiva e seletiva, existe outro fator que deve ser levado em conta perante as pesquisas que tratam a memória como fonte. Trata-se do momento em que a mesma é articulada, a situação onde o sujeito se encontra e a pessoa para quem ele fala. Esses elementos influenciam a maneira como a memória é acionada e traduzida:

Sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento mostra que a memória é um fenômeno construído. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes.(POLLAK, 1992, p.4)

Ao discursarem sobre suas lembranças, como citado na introdução, existe a influência quanto a minha posição como pichador/pesquisador. Quanto a essa questão, percebi que nos momentos das entrevistas, os pichadores muitas vezes se mostravam confusos com perguntas como: “o que é uma crew? Ou uma grife?”. Porém, ao mesmo tempo, minha posição como pichador me ajudou nas análises sobre as passagens e as interpretações históricas sobre o movimento.

Além disso, o gravador também transforma a maneira que os entrevistados se expressam. Por muitas vezes os pichadores se direcionavam para o aparelho, principalmente no momento de enaltecer outros pichadores ou a cena da pichação de Florianópolis, e falavam como se dessem um recado para alguma mídia de grandes proporções. Esta constatação mostra como existe poucas situações onde esses pichadores podem se expressar. Todos encararam a entrevista desta forma, como se estivessem sendo entrevistados para algo que fosse ser lido ou ouvido por

muitas pessoas, mesmo com o termo da entrevista ressaltando que o acesso seria só para o pesquisador e o orientador do estudo.

Dessa forma, este trabalho está de acordo com a perspectiva que a memória é algo construído. O objetivo de analisar as ressignificações em torno do percurso destes pichadores no movimento, demonstra a constituição da memória atrelada a movimentos “conscientes” e “inconscientes”, representados pelas vivências e suas relatividades em torno destes discursos. Reitero que ao produzirmos as entrevistas, estes pichadores são levados a elencar os “acontecimentos”, “locais” e os “personagens” que traduzem suas maneiras de interpretar as suas próprias histórias. Estes elementos que são selecionados pela memória e a forma como são discursados, trouxeram pistas para compreendermos parte da história de cada um dentro do movimento da pichação.

Além disso, estas análises sobre o contexto da gravação, demonstram como a pesquisa atinge o objetivo em relação ao aspecto de dar voz aos personagens que não são registrados pelos documentos oficiais, algo que faz parte das discussões em torno da metodologia da História Oral. Dessa forma, a perspectiva sobre o que seria a realidade neste capítulo está de acordo com o pesquisador Portelli e a sua metáfora entre um tecido formado por diversos retalhos que são comparados a realidade. Utilizando-se de outra metáfora para salientar esta perspectiva do pesquisador, interpreto a história como um mosaico constituído por diversos fragmentos minúsculos que formam o todo. As diversas histórias dos participantes, formam a história dos mesmos como pichadores, que por sua vez, ao se entrelaçarem, formam parte da história da pichação contemporânea de Florianópolis.

A maioria das passagens que serão destacadas neste capítulo foram relatadas, principalmente, quando perguntei aos pichadores como a “pichação entrou na sua vida?”. Nessas ocasiões, os participantes lembraram experiências do passado, possibilitando analisarmos os processos de ressignificações e reinterpretções sobre as práticas da pichação que foram estabelecidas ao longo dos anos.

Sendo assim, vou me ater as passagens sobre dois momentos que compõem o processo de inserção dos participantes no movimento da pichação. Ao analisar as

transcrições, pude observar que por parte de todos participantes houve a diferenciação entre um momento de conhecimento sobre o movimento, e outro de reconhecimento como pichador.

Compreendo que dentre as trajetórias dos participantes como pichadores, é possível interpretar algumas passagens como essenciais para estes sujeitos se entenderem e se reconhecerem como participantes ativos do movimento. Os momentos de conhecimento e reconhecimento são relacionados com características do movimento da pichação que se entrelaçam com as vivências de cada entrevistado. Tais relatos ao serem analisados, configuram um conjunto de interpretações sobre as histórias, a partirdas memórias e dos discursos de cada pichador.

Sendo assim, NIOGE e REI, respectivamente, me responderam que no período que eram crianças, observavam outras pichações e começaram a produzir seus próprios nomes de uma maneira que era influenciada pelas manifestações da rua:

Quando eu comecei a pichar? Quando eu aprendi a pichar meu nome. Que daí eu aprendi a escrever meu nome igual picho e comecei a reparar nos pichos da cidade. ECOS, IMUNDOS, MAIS TEMIDOS... comecei a ver vários pichos.

Quando ela entrou na minha vida eu nem sabia o que era pichação. Foi quando eu tinha uns... eu imagino que uns 8, 9 anos. De 7 à 9 anos. Eu não sei direito, mas eu acho que uns 9 anos já. Eu já escrevia e tal. E eu lembro que em São Paulo, pra ir pra escola, eu tinha que passar no buraco da Paulista, que era um dos picos que chamava a minha atenção os desenhos que tinha ali embaixo, que era tanto graffiti quanto pichação. E que na época nem se diferenciava muito, assim... já se diferenciava, mas não muito, né. Só que aí, não sei cara, aquilo me capturava de alguma maneira e eu comecei a escrever meu nome com umas letras pontiagudas. Que vinha dali, assim, eu imitava a escrita da rua, fazia letra pontiaguda. Mas eu nem sabia o que era direito, nem sabia o que tava fazendo.

Estas passagens tratam dos momentos de conhecimento destes pichadores em relação ao movimento da pichação. Olhar as pichações nas ruas e reproduzir o seu próprio nome influenciado pela caligrafia urbana se configura como as lembranças dos primeiros passos destes entrevistados como pichadores.

Além disso, é interessante notar a frase de REI: *“Quando ela entrou na minha vida eu nem sabia o que era pichação”*. Esta passagem demonstra que existe pertinência em relação à diferenciação destes dois momentos de conhecimento e reconhecimento, propostos pelo pesquisador em torno do processo de inserção no movimento. O entrevistado demonstra como existia, nos seus primeiros contatos com a pichação, outra perspectiva em relação ao movimento que se modificou com o tempo. Além disso, outro aspecto que contribui para esta percepção da pesquisa, se sucedeu na ocasião que NIOGE, ao ser questionado sobre quando a pichação se tornou parte da sua vida, imediatamente me pediu para refazer a questão, pois compreendia que havia um momento no qual conheceu a prática e outro quando se tornou pichador.

Já foi exposto na citação anterior, o momento de conhecimento deste participante, sobre quando se tornou pichador, NIOGE define: *“A primeira vez que eu pichei no muro.”* Sendo assim, suas lembranças valorizam a questão da pichação ter como parte da sua essência a questão de estar na rua. Para NIOGE é determinante para o sujeito que pretende ser pichador ter produções na cidade.

No discurso de REI sobre o tempo em que se tornou pichador, seu sentimento de inserção está relacionado com a origem de uma das crews que ele participou: *“Ali no 100% NÓIS a gente virou pichador. Já se reconhecia pelo menos como pichador. Começou a querer procurar saber, começar a fazer amigo pichador...”*. O grupo 100% NOIS era representado por este desenho que REI fez em sua folhinha:



Como já citado na declaração de NIOGE em relação ao fato de produzir pichações nas ruas, em todas as entrevistas os momentos de inserção foram

relacionados com a compreensão sobre alguma característica particular da pichação. No caso de REI, as relações sociais que permeiam o movimento são interpretadas como fundamentais para que os praticantes se constituam como integrantes da pichação. Perguntei a ele como eram feitas estas amizades que fazem parte do contexto da época do grupo 100% NOIS:

Cara... a gente chegava no boca à boca. Conhecia um cara do bairro, que daí: “ah, já viu o picho PODRES?”, “Pô, já vi”, “ah, os caras estudam naquela escola”, “Ah, então vô lá falar com eles”. Daqui a pouco uns caras vieram falar com a gente, porque daí o nosso picho começou a ficar famoso no bairro, o 100% NOIS. Aí os caras que já pichavam queriam saber quem era também, aí colavam na porta da escola. De repente a gente estava na saída, vinha uns cara meio maloca, assim: “Vocês que são o 100% NOIS, mano?”, aí a gente, “ah, é nós mesmo”. “É, então, não sei quem me avisou que era vocês mesmo... aí, vamofazer um rolê aí?”, aí a gente “demorou, que que vocês lançam?”, “ah, a gente lança PODRES”. Esse foi o primeiro camarada que a gente fez, do PODRES. “Ah, a gente lança PODRES, vamo passar uma grife pra vocês...” aí a gente: “ah, vão lançar uma grife mano, que louco! Demorou!”. Aí essa era a UNIÃO MATA CLUBBER ! Nem sabia, mano! Nem sabia direito o que era “clubber” mas demorou, é grife, vamo aí.

A passagem ilustra de maneira emblemática o que foi citado anteriormente com relação à interpretação de REI sobre a importância da sociabilidade do movimento da pichação. Além disso, o relato também demonstra o aspecto coletivo e seletivo da memória do participante. Estas características da memória são traduzidas pelas escolhas das crews, dos lugares e das expressões que REI utilizou para discursar suas lembranças em torno da época da crew 100% NÓIS. Este movimento de tradução se repete constantemente, reafirmando o conceito de memória que estamos nos embasando.

O pichador CSC é outro entrevistado que também relaciona o seu início como pichador com a resignificação sobre um meio social. Porém estas relações sociais não faziam parte da pichação como relatado por REI. Em seu discurso o entrevistado nos remete ao seu período de infância, onde ele perdeu a “inocência” e

conheceu o skate, o que conseqüentemente gerou interpretações novas em torno do que seria a “rua”:

Pô eu tive infância mano, uma infância tão linda, de anda de cavalinho de lata, joga bolinha de gude, aquela cena toda, de transar depois dos treze anos pra quatorze e não ser tarado. Hoje em dia, moleque com sete, dez anos já quer bota o pau pra fora, tá ligado né? Bagulho é que nós não era assim. Aquela coisa de encabular, de ganhar um beijo e fazer o bem pra ganhar outro no outro dia, então diz ai, eu vou falar a cena certa... Então, a gente sempre lidava com a tinta, porquê? Porque a gente vivia em construção, a gente brincava de ninja, nós era ninja, nós entrava na construção e brincava de ninja, nós sempre queria se destacar de qualquer maneira! Até então eu não sabia pinta nada mano, porque eu ainda não tive colégio, eu parei na quinta série tá ligado? Daí então, eu comecei a andar de skate, comecei a me envolver em 96 esse bagulho ai... Comecei a me mover mais na rua, uma rua diferenciada, não uma rua de cavalinho de lata, tá ligado?

Foi em meio a este contexto histórico que CSC teve seus primeiros contatos com a pichação, por intermédio de outros pichadores paulistanos da crew MOLEQUES que visitaram a cidade de Florianópolis:

Daí, encontrei um mano que veio de São Paulo, assinava MOLEQUES, tinha letra aquela bem caligrafia brasileira(...)então, esse mano chegou e a primeira letra que ele deu foi na terra! Na terra! Com um pauzinho. Ele chegou e começou botar aquelas letra de caligrafia brasileira como eu descrevo, que eu acho que é lindo, maravilhoso! Dali eu comecei a... pra terminar meu raciocínio da pichação, comecei a pichar ali mano. Com um maluco de São Paulo, André e Wiliam, vô até te fala a quebrada deles, quebrada deles era Vila Inglesa, zona sul perto de interlagos.

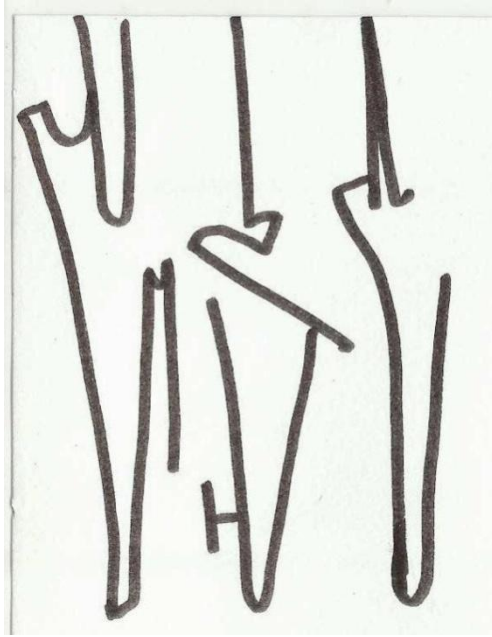
Este seria o momento que CSC conheceu a pichação. É interessante notar no conjunto destas passagens como o despertar para o movimento é relacionado com o fato de CSC ter começado a andar de skate e se identificar com os desenhos das pistas. Além disso, há o destaque para o momento que o participante descreve como se sentiu saindo da infância e conhecendo uma rua diferenciada, que não era

mais a de “cavalinho de lata”. Outro aspecto, é que todas estas lembranças são expressas citando o intermédio de outros personagens que faziam parte da pichação, exemplificando, mais uma vez, o caráter coletivo do movimento, além de sinalizar a seleção de personagens que permeiam a memória do entrevistado.

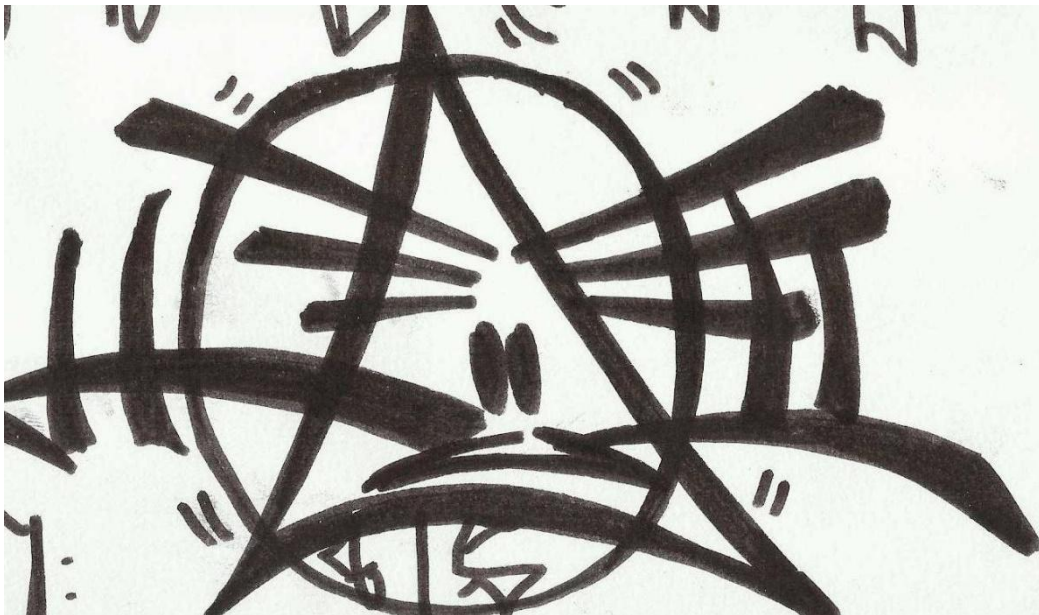
Para compreendermos os elementos que fazem parte das lembranças do momento de reconhecimento deste praticante como pichador, somos remetidos ao contexto das origens da crew CSC:

Certo, porra pra mim é uma honra, eu comecei com o CSC em 2001, eu e falecido Cutelo, o nome dele era Herbert Garden Junior, era norueguês o nome dele. Esse truta ai pintava muito, ele pintava muito mais que eu. Eu era da pichação, ele já tava correndo pro graffiti, fazendo uns palhaço muito loco, e corria com o CSC. E tinha o outro parceiro que era o Isaac, que também não pintava nada, era que nem eu. Agente era moleque, jogava bolinho de gude, não tinha informação nenhuma do graffiti, mas nós era da rua! Nessa ai mano, esse meu truta Cutelo faleceu, 25 anos, de leucemia, e o outro truta Isaac, também largo de mão, não largo de mão do jeito mal da coisa...ele foi na caminhada dele...Resumindo, corri com CSC.

Este indivíduo não passou por nenhum outro grupo, sua assinatura é a mesma há quase vinte anos, provavelmente esta é uma das razões deste sujeito relacionar o seu reconhecimento como pichador com a origem deste grupo. Como único nativo de Florianópolis que faz parte da pesquisa, este sujeito se destaca pela atuação massiva na cidade com este desenho em pixo reto:



E esta grife:



Tanto a pichação quanto a grife acima, são simbologias que representam a crew CSC. Como podemos observar na passagem anterior, CSC é um grupo de pichação que na sua origem era composto por três participantes, um deles faleceu e o outro parou de pichar. Mas o terceiro continuou a levar o nome CSC nas suas produções, tornando o falecido Cutelo e Isaac, indivíduos que fazem parte dos personagens históricos do movimento das intervenções urbanas de Florianópolis. CSC é um dos principais pichadores do movimento, algo que irei aprofundar no capítulo três sobre as particularidades da capital catarinense.

Na entrevista com MOS também pudemos constatar a diferenciação entre um momento de conhecimento sobre o movimento e outro de reconhecimento como praticante da pichação. Assim como CSC, para falar a respeito de como começou a pichar, o entrevistado nos remete a um contexto específico da sua infância. É interessante notar que este pichador é o que mais atribui ao movimento significações de protesto perante a sociedade, dessa mesma forma crítica, consciente ou inconscientemente, ele relaciona a falta de entretenimento que fazia parte da sua infância e as produções observadas na cidade, para sintetizar a constituição do seu processo de inserção na pichação:

A pichação se tornou parte da minha vida no ano de 1997 pra 1998, eu tinha 12 anos de idade, em Curitiba, Paraná e tal. Eu morava em um bairro de periferia assim, bairro humilde, e a gente não tinha muita área de lazer, muito espaço e tal... Tinha um campo de futebol, que quando não era dominado pela galera que era usuário de drogas era dominado pela galera mais velha que ficava jogando bola. E de início, de moleque e tal, minha mãe não queria contato com esse pessoal e ai... de início eu ficava mais retraído, ficava na rua de casa com uma galera andando de skate. Ou agente montou uma tabela de basquete e ficava jogando basquete na rua. E ai a pichação, ela se tornou parte da minha vida porque começou a surgir muito na minha cidade. Ela começou em Curitiba com o JAPA KAMIKAZE que foi um dos percussores da pichação em Curitiba, e ai começou a surgir outros grupos como UNIÃO PROVOCA ESPANTO e outros que estavam espalhando bastante a caligrafia pela cidade. E tipo, sempre gostei de escrita, desde pequeno tive identidade com o graffiti e tal, e por eu ver esse negócio estar sendo espalhado pela rua, me deu vontade de também interagir com os espaços urbanos, porque outras pessoas queriam ver e eu sempre poderia estar expressando alguma coisa que eu pensava... E ai no início e tal, quando eu comecei a fazer a pichação era uma galera que... um negócio meio que regional assim, morava em um bairro em Curitiba, o bairro Alto, e eu espalhava a pichação próximo do bairro assim, onde eu morava né.

Na última frase da passagem, MOS demonstra como só se sentiu inserido na pichação a partir do momento que expandiu suas produções pela cidade,

demonstrando que valoriza a produção de trabalhos em diferentes bairros. Este tipo de perspectiva demonstra como a pichação, e as outras intervenções urbanas, se tornam uma maneira singular de interagir com a metrópole. O pichador e o grafiteiro sempre terão um porquê para se deslocar à qualquer bairro do espaço urbano: os muros. Logo, a pichação tem como característica movimentar os praticantes pela cidade, e isso pode ser interpretado como uma maneira particular destes indivíduos vivenciarem a contemporaneidade urbana.

Além da passagem já descrita sobre o momento que MOS conheceu e reconheceu o movimento, sobre estes períodos outro relato se mostrou pertinente:

Ai eu comecei a espalhar pelo o bairro Alto e na época eu fazia pichação escrita assim “OS MAIS CAROS”. “OS MAIS CAROS” porque na época tudo era caro, eu via na sociedade assim... eu tipo, mesmo com doze anos de idade eu fui criado politizado, meu pai sempre foi um cara que foi muito político, minha irmã era do grêmio estudantil, e sempre foram pessoas que geraram muita política dentro de casa. Ai na época eu comecei a pichar “OS MAIS CAROS” porque subia o preço de tudo e tal e ai agente pichava. E outra era ideia do brother meu, que era o Nelson, um vizinho meu, que falava que a gente era “OS MAIS CAROS” porque erámos pessoas que não se compravam. Ai tá, depois a gente começou a assinar “MAIS OVERDOSE”, na real tinha até um grupo que assinava a mesma coisa em Porto Alegre e tal. Mas a gente começou a pichar “MAIS OVERDOSE” pelo consumo de cocaína que tinha no bairro, tinha biqueira bem na esquina de casa assim, e agente começou a pichar “MAIS OVERDOSE”... MAIS OVERDOSE foi mais ou menos em 98 pra 99, ai eu fiquei o período de um ano, um ano e pouco, sem fazer nada.

Como já demonstrado outras vezes, MOS relaciona a pichação como um ato de protesto contra a sociedade que ele vive. Mas é interessante notar como ao invés dele e seus amigos picharem palavras explicitamente contra o sistema vigente, estes pichadores fazem uma sátira, sinalizando os problemas sociais na constituição dos nomes das suas crews. Ao invés de picharem para baixar o preço, escrevem: “OS MAIS CAROS”, ao invés de picharem para regulamentar as drogas, escrevem: “MAIS OVERDOSE”. Compreendo que está sátira está presente em outros nomes

(como por exemplo, PESTES) e que essa prática colabora para um processo de marginalização do movimento.

Outro pichador que relatou sobre o seu ingresso na pichação foi PESTES. Sobre as diferenças entre o conhecimento e o momento quando passou a se sentir inserido nesta prática, podemos ressaltar a questão do material utilizado para pichar. Nos primeiros passos dentro do movimento, são comuns as produções feitas com materiais diferentes do spray, consequência da pouca acessibilidade da tinta com dispositivo aerossol no mercado brasileiro.

Eu comecei a pichar quando eu tinha 14 anos. Foi por causa de uma galera que nós andava lá na quebrada lá, era tipo assim: a rua de cima, a rua do meio e a rua de baixo, tá ligado? Aí eu era da rua do meio, da rua da igreja. Que daí já era TRI – TURMA DA RUA DA IGREJA, tá ligado? Aí a gente começou a fazer de giz de cera, de canetinha... e aí eu continuei, né mano. Uns camaradas meu parou e eu gostei do bagulho, e aí continuei, né?

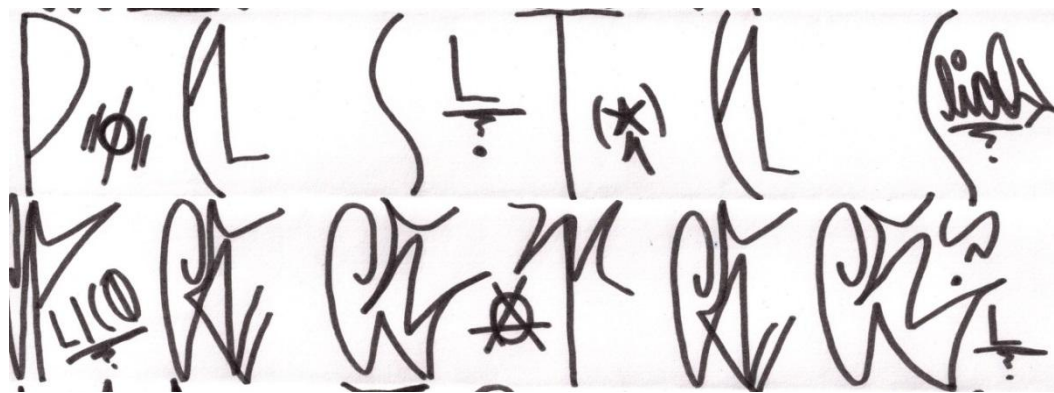
REI também faz alusão à precariedade dos materiais em relação às lembranças do processo de inserção no movimento: *“começamos a fazer com carga de canetão, que ficava grosso assim, muguet (..)E o primeiro pixo com spray, foi com spray de cabelo.”* Essas passagens podem ser relacionadas com as perspectivas que envolvem o momento de se sentir inserido na pichação, pois após terem pichado com canetões e giz de cera, PESTES e REI, inevitavelmente, começaram a mensurar quando iriam fazer uma pichação com spray.

Outra semelhança entre estes dois participantes, é em relação ao fato de atribuírem a sociabilidade que permeia a pichação como característica fundamental para se reconhecerem como pichadores. Diferente de REI que expressa esta perspectiva relembando uma conversa específica que ocorreu na época da crew 100%NOIS, o pichador PESTES ao ser indagado sobre como a pichação entrou na sua vida, relatou sobre a sua trajetória nos diversos grupos que ele participou. Foram citadas as suas histórias em torno das saídas e entradas das crews: *T.R.I. – TURMA DA RUA DA IGREJA*, *ALIADOS*, *T.44 – TURMA 44*, *TERAPIA* e *PESTES*. Dessa forma, o entrevistado valoriza e interpreta este percurso como fator relevante no seu processo de reconhecimento como pichador. E, sendo assim, podemos

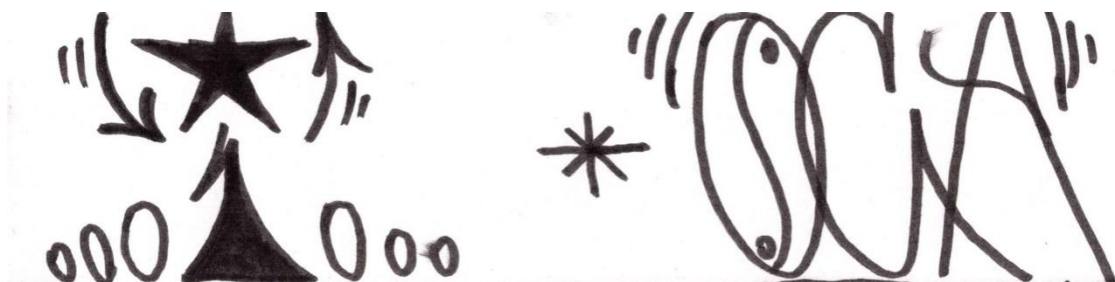
constatar também que este participante é um integrante de uma crew, PESTES é um codinome também utilizado por outros pichadores, como citado nesta passagem do entrevistado:

É eu... o Nico, o Rico, o Luan, o Denis e o Dilan. Cinco que fazem. (...)Aí um é de Suzano, dois é de Campo Grande... Campo Grande é onde mesmo? Mato Grosso, isso, Mato Grosso... e meu irmão de São Paulo. E eu de Floripa, né.

Para ilustrar esta citação, a parte da folhinha que representa o desenho que estes pichadores produzem nestas cidades do Brasil:



E para salientar a perspectiva do participante em relação à valorização da sua trajetória em torno dos grupos, abaixo algumas das grifes de pichação que a crew PESTES é vinculada. Estes desenhos representam as grifes OS INFERNAIS e OS CLASSE A, divididos por um asterisco:



Além de enfatizar as declarações de PESTES, esta variação quanto ao significado de cada elemento que podemos identificar nas folhinhas, demonstram a importância em relação aos códigos e regras que compõem os elementos de produção deste tipo de intervenção urbana. Ao conseguir entender e identificar estes elementos na rua, a pichação se torna mais coesa para seus participantes,

produzindo um sentimento de inserção que, ao mesmo tempo, dificulta a compreensão dos muros pelo senso comum, marginalizando a prática.

Outras passagens dos entrevistados são emblemáticas para compreender a valorização dos códigos da pichação. Tais relatos tratam das mudanças dos nomes de algumas crews devido ao fato de já existir outros grupos com o mesmo nome, um exemplo desta situação é a passagem sobre a saída do pichador PESTES da crew ALIADOS:

Na ALIADOS, nóistava lançando ALIADOS, mas já sabendo que já tinha ALIADOS, tá ligado, mano? Já tinha uns caras que faziam ALIADOS que era lá do “ABC”, de São Bernardo. Aí os caras, “Não mano, já tem ALIADOS...”, e aí nós paramos de fazer.

Como podemos observar, pelo fato de já existirem outros pichadores que pichavam o codinome ALIADOS, tornou-se necessário à busca de outra palavra para o nome do grupo. Esta prática também é relatada por Rei ao se lembrar de quando ele pichava SUSPEITOS:

Com uns 13 anos na escola, nós inventamos um grupo, eu e uns camaradas. “Ah, vamo começar a pichar, vamo aí e tal...”. Aí o primeiro grupo era o “Suspeitos”, um camarada meu que deu a ideia: “Ah, eu tenho um nome bem louco: “Suspeitos!”. E aí ficou, né. “Vamo fazer “Suspeitos”, então, vamo!”. (...) Daí depois a gente foi descobrir que já tinha, né, um camarada que já pichava, mais velho, falou: “Não, “Suspeitos” não rola, já tem “Suspeitos”... não vai virar... “SPS” também, é um duplo plágio...”.

Como colocado nas duas passagens de PESTES e REI, foram outras pessoas que avisaram estes pichadores sobre os códigos de produção estabelecidos pelo movimento. Abaixo, parte da folhinha onde REI escreveu a abreviação da sua primeira crew, SPS- SUSPEITOS:



Compreendo que os depoimentos anteriores se configuram como mais uma das demonstrações do caráter coletivo e da valorização em torno da coesão repercutida pela dinâmica da pichação. Ao mesmo tempo, permite interpretar que existem palavras que são repetidamente escolhidas para se tornarem pichações. O motivo dessa situação é digno de uma outra pesquisa, porém, entendo que a repetição dos codinomes tenha relação com o contexto histórico que estes personagens estão submetidos. Todos vivem a cidade e encontram no alfabeto algumas palavras para traduzir a proposta da pichação, o que pode sinalizar que estes personagens estão sendo influenciados pelos mesmos elementos que compõem a história do tempo presente urbano que eles vivem.

Dessa forma, concluo que as propostas da pichação são traduzidas por estas experiências vividas e lembradas por estes cinco personagens. Que através das vivências e das simbologias nos muros, se entrelaçam, transformam, constituem e picham os contextos das cidades por onde eles passaram.

Dessa maneira, o capítulo apresentou os processos de inserção dos pichadores no movimento, relacionados com algumas passagens das trajetórias de cada participante pelas suas diversas crews e grifes, e entremeadas pelas minhas análises e interpretações históricas sobre como algumas características específicas do movimento são expressadas e valorizadas nas partes dos discursos destacadas.

O intuito foi demonstrar como as vidas cotidianas destes personagens se misturam com suas perspectivas e atuações na pichação, constituindo suas memórias e expressadas nas suas lembranças, que são as fontes obtidas para compreender parte das histórias de cada um no movimento.

A pichação se tornou uma maneira de vivenciar a cidade e possibilitou interpretar parte da vida urbana destes participantes. Tal constatação foi feita a partir da relação entre: os processos de inserção e imersão no movimento, as passagens sobre constituição dos seus respectivos grupos, além das interpretações sobre as suas vivências contextualizadas pelas cidades que percorreram. Os participantes nos possibilitam analisar como a história deles no tempo presente se desenvolvem junto com o movimento da pichação. Tais entrelaçamentos constituem parte do contexto atual de alguns cidadãos que vivem nas metrópoles brasileiras e mundiais.

A pichação é um fenômeno identificado em diversas regiões do Brasil e se configura como uma vertente das intervenções urbanas do mundo. É inegável que existe algo que atrai e transforma este movimento em uma proposta tão difundida na contemporaneidade. Porém, como pudemos observar, são complexos e particulares a cada pichador os motivos que levam eles a se identificarem com a pichação. Mas ao mesmo tempo em que há uma heterogeneidade no movimento, existem percepções que fazem parte de cada contexto específico onde ocorre este tipo de intervenção urbana. Sendo assim, no terceiro capítulo vou discorrer sobre o que seriam as singularidades da pichação florianopolitana.

3. A PICHANÇA E A CIDADE: ESPECIFICIDADES DA CENA DE FLORIANÓPOLIS

No Capítulo 2 procurei destacar o que seriam algumas características da pichação, e no Capítulo 3, discorri sobre quais destas características são ressaltadas pelos participantes ao relatarem suas histórias de inserção e reconhecimento como pichadores. No Capítulo 4 vou demonstrar como alguns dos aspectos do movimento podem ser analisados e singularizados em relação ao contexto de Florianópolis.

A partir das minhas afirmações sobre a socialidade e a maneira como estes pichadores vivenciaram parte das suas histórias relacionadas com a pichação, procuro compreender como as características já destacadas do movimento e as perspectivas particulares de cada pichador, se entrelaçam com o contexto da cidade de Florianópolis.

As análises compreendem que os participantes constituem e transformam, em um constante processo de resignificação, as maneiras de viver e interpretar a história da pichação florianopolitana, traduzidas através de uma seleção elementos que permeiam suas memórias em torno das propostas da pichação.

Neste capítulo, portanto, a proposta é analisar as passagens onde os sujeitos nos possibilitam interpretar características do movimento na cidade de Florianópolis. Uma destas singularidades é embasada pela percepção dos entrelaçamentos entre a memória dos participantes, o movimento da pichação e os espaços urbanos, citada pelo etnógrafo Alexandre Borges Pereira ao pesquisar a pichação de São Paulo:

A pichação converte o espaço urbano em espaço de memória para os que participavam dessa atividade. Ao organizar o espaço materialmente ou ao transformá-lo à sua imagem, era a transmissão de certa memória coletiva o que se tentava garantir. (PEREIRA, 2013, p. 88)

Ou seja, uma destas características singulares ao movimento local à ser considerada é justamente sobre as transformações que os pichadores exercem nos espaços urbanos, expressas pelas suas memórias.

Além desta, outra particularidade será abordada a partir dos estudos das psicólogas Zanella e Furtado (2009) sobre o graffiti florianopolitano. O objetivo foi aprofundar os questionamentos entre o que seriam as diversas propostas que a capital catarinense oferece em relação ao graffiti e a pichação. Segundo elas,

Em Florianópolis/SC é possível perceber as marcas de graffiti em várias localidades, delineando um movimento que propõe vários questionamentos sobre as relações entre seus habitantes e a cidade, sobre os grupos que nela transitam e dialogam com o espaço e com os objetos cotidianos.(FURTADO; ZANELLA, 2009, p. 1282)

No momento adequado, as passagens e análises serão destacadas para demonstrar como existe uma multiplicidade de elementos e interpretações que constituem e influenciam as propostas do graffiti e da pichação, transformando esta multiplicidade em uma singularidade florianopolitana.

Compreendo que antes de discorrer sobre as características citadas acima, é pertinente tratar de outros aspectos. Tais interpretações se embasam nas distinções descritas pelo conceito da socialidade (Maffesoli, 2006) no Capítulo 2. Novamente, ressalto como esta concepção se tornou importante para pesquisa, pois consegue traduzir o arabesco de interpretações relativas entrelaçadas a produções de subjetividades que permeia alguns aspectos da pichação.

Sendo assim, procurei identificar como a memória dos participantes aciona suas formas de expressar a coexistência de diferentes percepções sobre as temporalidades do movimento florianopolitano contemporâneo. No roteiro de entrevistas, foi programado um bloco de perguntas sobre como estes sujeitos compreendiam o momento que o movimento vive na cidade. Nas respostas, a cena florianopolitana foi comparada com as lembranças sobre o movimento em outras cidades, ou sobre a pichação de Florianópolis em outras épocas.

Com relação ao conceito de memória, o entrelaçamento entre suas percepções coletiva e seletiva, citadas no Capítulo 3, embasada no pesquisador Michel Pollak (1992), puderam ser novamente identificadas. A constituição da memória através dos “acontecimentos”, “pessoas” e “lugares” (POLLAK, 1992, p.1) coletivizam as lembranças. E para produzir os discursos influenciados por essas lembranças, ocorre uma seleção cognitiva em torno dos momentos coletivos e dos

elementos que tornam as recordações algo compreensível para os indivíduos se expressarem.

Partindo destes propostos teóricos, identifiquei que quatro dos entrevistados apresentaram ideias de “surgimento” em torno da pichação florianopolitana. Para estes pichadores, o movimento de Florianópolis ainda está se estabilizando, mas já não é algo tão invisível. Existem alguns adeptos e uma história que já foi constituída em torno desta proposta de intervenção na cidade. Além disso, a análise demonstra e destaca que existem particularidades de cada entrevistado relacionadas com essa perspectiva de “surgimento”. Para NIOGE: *“O bagulho tá estralando. Tá começando cada vez mais. Desde que eu cheguei aqui, comparado com hoje, tem bem mais pichação. Mais gente pichando, mais crew surgindo.”*

Podemos identificar que a percepção de “surgimento” de NIOGE é expressa por uma motivação sobre um dos fatores que compõem o caráter coletivo do movimento. Para este pichador, diferente dos locais onde a pichação já ganhou outras proporções, qualquer grupo ou adepto novo é encarado como uma motivação, e isso faz parte da interpretação dele sobre o momento histórico que a pichação vive em Florianópolis. Esta noção é ponderada por REI, que apesar de também partilhar desta interpretação de “surgimento”, se preocupa com a influência externa de outras capitais:

Pichação em Floripa eu diria que é início. Surgimento. Formação. Agora assim, tá começando. Se fluir a pichação mesmo, acho que um dia a gente vai olhar pra trás e falar, “ah mano... acho que começou entre 2010 e 2015, que começou”. Isso se ela fluir, né. Não sei se vai ter uma cultura. Foda que agora com esse lance de comunicação, ela tá muito contaminada pela pichação que é de São Paulo. Então tem muita gente tentando reproduzir, inevitavelmente né?! Não tem como. É a escola lá. Então não tem como... Mas ia ser louco também se estivesse rolando, de uma certa forma, descobrir qual é a pichação daqui, né. Esse lance de escutar a cidade assim... e Floripa, mano, pede o que? Lá é uma escola. Olha só o que eles fizeram... mas inspirado no que eles fizeram, o que a gente pode fazer aqui? E tá começando, tá formando... ainda não tá definido, né. Diria que tanto a

culturado graffiti como da pichação tá iniciando aqui. A da pichação mais que a do graffiti ainda...

Compreendo que está citação exemplifica de maneira sucinta a percepção deste participante em relação ao tempo que ele está vivendo. REI compara o momento vivido em Florianópolis com outras lembranças e salienta a questão da necessidade de uma singularidade para a pichação florianopolitana, porém, ao mesmo tempo, afirma que é impossível não haver uma ressignificação das pichações de outros estados. Essa ambiguidade caracteriza a percepção de surgimento que quero salientar em relação à pichação de Florianópolis, por parte destes entrevistados.

Na passagem de MOS, ele retoma ideias em torno do surgimento do movimento relacionadas a necessidade de aumento dos praticantes, como destacado por NIOGE, além disso ele também discorresobre a influência de outros estados, assim como REI. Outra aspecto é que MOS destaca o crescimento da pichação politizada em Florianópolis, o que ele diferencia em relação à caligrafia urbana brasileira, traduzida por ele como “pichação de coletivos, em grupos”. Este outro tipo de pichação não se vincula ao movimento do Hip- Hop e se refere aos manifestos pichados pela cidade com frases direcionadas a política governamental:

Mas a pichação ela está crescendo de uma forma, seja a pichação politizada, ela tá crescendo bastante e cada vez tendo mais adeptos e fazendo bastante pela cidade. Ou senão a pichação que é a pichação coletiva, em grupos... acho que na realidade... tá crescendo aos poucos né mano? Acho que não se compara a uma metrópole assim, então tá tendo os grupos, tem muita pessoa de fora que se instala na cidade e tal, como é o meu caso, como é o caso de outros e outros pichadores aqui da Ilha. Mas acho que aqui tá crescendo, crescendo em grupo coletivo, bastante gente, novos adeptos. Bastante gente que tá querendo se expressar também, e sei lá eu acho que é isso, a tendência é crescer cada vez mais e tá vivendo um momento bacana assim Floripa...

Na citação, além das semelhanças com os discursos feitos pelos pichadores NIOGE e REI, no final da frase podemos perceber um otimismo do entrevistado MOS em relação ao momento que a pichação vive em Florianópolis. Esta

perspectiva, além das outras já citadas, também é relacionada com as percepções sobre o surgimento da pichação florianopolitana por PESTES:

Olha, a pichação na Ilha tá começando agora, mano. Essa é que é a verdade. E a tendência é só crescer, né mano. Tem um monte de galera que tá gostando do bagulho, o movimento é da hora, tá ligado? Nós picha mesmo... (espirros e celular) (...) Agora a galera tá começando a gostar, né. Tá tendo uma turma aí... tá vindo uns pichador de São Paulo que tá morando aí na Ilha também, né. E isso também que tá fortalecendo a pichação aqui na Ilha, porque tem pichador de São Paulo aqui na ilha que está fazendo a galera gostar do movimento, mano. E tem uns cara aqui na ilha que tá fazendo também. E aos pouquinhos vai, né... tamô aí na atividade e vamo continuar. (...) E daqui a pouco tenho certeza que o bagulho vai se expandir, mano. Aí ninguém segura mais! Quero só ver... A hora que nós começar a fazer os prédios os caras vão ficar em choque.

Sendo assim, compreendo que algumas afirmações podem ser feitas diante das semelhanças destas passagens. O sentimento de surgimento que caracteriza o momento atual vivido pela história da pichação florianopolitana, é relacionado por esses quatro participantes principalmente a partir de três aspectos: adesão de novos pichadores/formação de novos grupos; a influência de pichadores de outros estados; e uma perspectiva otimista em relação ao crescimento do movimento.

Porém, as interpretações sobre esses processos históricos estão relacionadas com as trajetórias particulares de cada participante, o que conseqüentemente resulta em contradições que devem ser analisadas pelo historiador. O sentimento de surgimento presente nas interpretações sobre a pichação atual de Florianópolis descrita acima, na perspectiva de vida do pichador CSC, pode ser compreendido como um momento de “auge”. Para ele, o “surgimento” do movimento remete à um passado de pouca expressividade e escassos participantes ativos na cidade: “Antigamente, como eu te falei, a pichação era um ou dois, três e bem mal visto, hoje eu vejo tem o site “Floripixo”, galera que representa lá, coisa linda de Florianópolis, galera que vem de fora já procura galera da pichação de Floripa!”.

Para CSC o movimento já está estabelecido e ele ressalta o “site Floripixo”⁷ como argumento.

Esta contradição entre a noção de surgimento expressas por NIOGE, REI, MOS e PESTES e a percepção de um movimento conciso de CSC, demonstra como a realidade é constituída por uma relatividade intrínseca. Relembrando as características seletiva e coletiva do conceito de memória a partir de Michel Pollak (1992), o processo de construção da memória dos participantes para expressar em um discurso o momento atual da pichação florianopolitana, se embasa nas lembranças particulares de cada um, as quais são constituídas por uma relação entre suas histórias pessoais e as histórias coletivas do movimento.

Sendo assim, as características históricas da pichação florianopolitana sempre serão traduzidas por uma multiplicidade de maneiras de interpretar as formas e os aspectos próprios do movimento. Estes conjuntos múltiplos de características, se sobrepõem uns sobre os outros, constituindo minhas interpretações sobre a história do movimento. A partir deste pressuposto, não ignoro a variedade das perspectivas de cada pichador que compõem a realidade dos momentos e das características históricas analisadas.

Apesar da complexidade, entendo que como historiador devo ir em busca de explicações que consigam traduzir a forma como ocorrem essas movimentações sociais, e principalmente, como elas podem ser analisadas historicamente. Sendo assim, compreendo que as perspectivas de surgimento de NIOGE, REI, MOS e PESTES podem ser relacionadas ao fato deles compararem o movimento da pichação de Florianópolis com suas respectivas cidades de origem (MOS é de Curitiba e os três demais vem de São Paulo), onde a pichação alcançou outras dimensões. CSC, diferente dos demais, sempre atuou em Florianópolis, o que lhe possibilitou interpretar de outra forma a contemporaneidade do cenário da pichação nesta cidade.

⁷Trata-se de um grupo de pichadores ativo na rede social Facebook. Neste espaço virtual, fotos de pichação em Florianópolis são compartilhadas pelos membros, constituindo um acervo das diferentes produções que são feitas nas ruas da cidade.

Esta percepção de surgimento por parte de CSC, pode ser identificada em outra das passagens da entrevista. Todos os participantes foram indagados sobre os pichadores mais admirados em Florianópolis, mas somente CSC começa seu discurso diferenciando entre a “galera das antiga” e as pessoas que estão atuando hoje, como podemos observar:

Então vamo começa com a galera das antiga 2001 pra 2002, rapaziada do RISCA MURO pra mim foi os pioneiro da parada. Os cara era mais torcida organizada do que pichação, por isso que eles perderam a essência da rua e ficaram na torcida organizada, escolha deles! “RISCA MURO- RM !. FH, FAMILY HEMP zona Norte, tudo Canasvieiras tá ligado?! FH, RISCA MURO. LOCONES! Um mano de São Paulo que trazia pra cá: o Caio. Representa os cara lá na Zona Norte. Não posso deixar de esquecer do LDRÃO, OS MTR, Continente! Dessa época muito sensível de material, muito sensível de trampo em Florianópolis, então eu só tenha a bota minha mão e estender pra esses cara ai: OS MTR, LDRÃO, Continente. Daí vem a família, 3C, foram composto por Andrézinho AZO, que tá devagar mas tá na cena, inclusive amanhã nós vamos fazer um role junto, e o grande Mosquito que tá pintando meu carro lá! Quebrando tudo! (...)Vô dá um salve, pra... pra você MARIA, letra foda... NIOGE, PESTES de São Paulo, RADAR, PARDI, CSC, SPY que é lá da quebrada, meu falecido mano NÓIA, que era sem palavras, uma perca memorável em Florianópolis, todo mundo sente. Então dessa emoção eu queria tomar um gole.

A partir da expressão “Vô dá um salve”, o pichador cita os codinomes atuantes hoje em Florianópolis, dessa forma o discurso do participante diferencia as temporalidades que envolvem estes participantes e a “galera das antiga”. CSC se emociona com seu depoimento lembrando o que ele determina como “os pioneiros da parada”: OS RISCA MURO- RM, FAMILY HEMP-FH, LOCONES e OS MTR. Estas três primeiras crews só são citadas por CSC. Tratando-se deste entrevistado e considerando sua longa experiência como pichador de Florianópolis, podemos concluir que estes grupos fazem parte de um passado longínquo sobre o movimento da cidade. Porém, OS MTR é uma crew lembrada por outros dois entrevistados ao se referirem sobre o princípio do movimento:

NIOGE: *“Tem os pichos das antigas, né... OS MTR, OS METRALHAS, do Japão... que pela história do bagulho eu admiro”*

MOS: *“Ai eu conheci aqui o Japão, um dos pioneiros da pichação aqui de Floripa, que assinava OS METRALHAS.”*

Tal constatação sinaliza que a temporalidade que pode ser relacionada com esta o crew: OS METRALHAS – OS MTR, e o pichador Japão (que atualmente assina o codinome LDRÃO nas ruas), faz parte de um passado mais recente, que pode ser lembrado por participantes menos antigos, fazendo com que o grupo e o pichador sejam interpretados por eles, e provavelmente por outros, como pioneiros da pichação de Florianópolis.

Toda esta movimentação em torno das lembranças e as vivências dos participantes traduzem o processo histórico em andamento. As constantes ressignificações que estes entrevistados produzem através da memória, são expressas nos discursos, e ao serem interpretadas nos dão pistas sobre como os pichadores interpretam as temporalidades que caracterizam movimento florianopolitano na contemporaneidade.

Além de Japão e OS METRALHAS, existem outros pichadores que foram citados como importantes personagens históricos da pichação de Florianópolis. Por sinal, um deles faz parte desta pesquisa. CSC é um pichador nativo da cidade que atua constantemente nas ruas há muitos anos. Abaixo, as citações onde outros dois participantes relatam a importância de CSC. Respectivamente, NIOGE e PESTES:

CSC que pra mim é o king⁸ da pichação aqui da ilha!(...)E dá pra ver que ele ama o bagulho, né mano? Então esse é um dos pichos daqui que eu mais curto

Tem o CSC, que esse daí é o pichador aqui de Floripa que é das antiga, 100% o moleque!(...)Representa! Esse pichador representa! De Florianópolis é esse moleque aí, CSC!

Nestas passagens percebemos o enaltecimento por parte de NIOGE e PESTES em relação ao pichador CSC, porém, por que este pichador se configura

⁸ King é uma gíria do graffiti e da pichação, significa Rei em inglês e é um adjetivo usado para elogiar um participante do movimento.

como um importante personagem da cena florianopolitana? Uma das prováveis razões pode ser relacionada com esta passagem do próprio CSC: *“sempre botei a galera da arte dentro do carro pra soma em Florianópolis, que todo mundo sabe que sai pra fazer um rolê no Norte ou no Continente é difícil... sai pra fazer rolê no Sul também é difícil.”*

A questão da mobilidade é algo que singulariza o movimento florianopolitano. Uma das características da pichação é a busca por muros em locais diferentes da metrópole. Um dos obstáculos para os pichadores de Florianópolis é conseguir chegar a outros bairros da cidade, enfrentando longas vias e escassez de ônibus. Por isso, o fato de CSC ter um carro e disponibilizá-lo para os rolês com outros pichadores e grafiteiros, pode ser interpretado como um fator para que outros membros admirarem este personagem.

Além disso, CSC também é conhecido por ser um pichador com muitas produções e este é outro aspecto que se relaciona com o enaltecimento dos outros participantes perante a sua pessoa. Porém, a valorização da quantidade de produções é algo comum em outros contextos, como podemos observar na passagem de NIOGE, onde ele enaltece essa característica do pichador CSC:

O CSC é o cara que mais tem picho na ilha e deve ser um dos caras que mais tem picho no Brasil e no mundo! Com certeza! O CSC tem muito picho, mano. Os caras de São Paulo, tá ligado? Que mais tem picho... óbvio que não tem como comparar, né mano, mas já comparando... o CSC bate de frente, tá ligado? Porque é muito picho, mano.

Ao questionar REI e MOS sobre quais eram pichações que eles mais viam na cidade de Florianópolis, suas respostas foram as seguintes: *“CSC. (risos)”* e *“O CSC, CSC tem muito, oCSC faz pra caralho.”* O pichador PESTES partilha desse mesmo motivo de admiração por CSC: *“Faz vários CSC em Floripa! O CSC representa!”*

Porém, a memória dos participantes, as histórias particulares, e o contexto de Florianópolis singularizam um ponto de vista sobre esta característica dos movimentos de pichação, que se refere a valorização da quantidade de produções.

Esta passagem de NIOGE, onde novamente CSC recebe elogios, é emblemática para compreender a afirmação da frase anterior:

As mais cabulosas assim, de achar da hora? Ah, o CSC, mano. É muito rolê mano! Porque a pichação é isso, né mano. Tipo assim... em Floripa, ela não é uma cidade vertical. São Paulo, tipo, a gente tá olhando picho...e os manos cata muito prédio, os picos mais altos... só que tem muito prédio em São Paulo. Floripa não é uma cidade vertical. Lógico que assim... nos últimos anos, décadas, tá virando uma cidade maior e tal. Mas comparado com São Paulo tem muito mais prédio lá, muito rolê, muito concreto. Então não tem como comparar nesse nível aqui, quem cata mais pico alto, prédio... Mas de quantidade, que é um bagulho da pichação que é bem valorizado, que eu valorizo também... Pô, o CSC tem muito picho. O CSC domina!

Dessa forma percebemos a singularidade de Florianópolis expressa por este pichador. NIOGE explica que a arquitetura da capital catarinense não se destaca pela verticalidade, o que influi nas suas percepções sobre os aspectos que ele valoriza no movimento. No caso, diferente de São Paulo, em Florianópolis existe uma maior valorização para os pichadores que atuam em muros baixos mas em uma quantidade substancial.

Além disso, esta passagem de REI demonstra como existe outra característica relacionada com a estrutura urbana de Florianópolis que singulariza uma perspectiva ambígua sobre o movimento:

Tem uma coisa que é da hora, aqui em Floripatem poucas vias, então se você faz em uma, mó galera vai ver o picho. Faz no Córrego, uma galera vai passar no Córrego. Você precisa de menos tinta pra fazer ibope⁹. O que também as vezes fica chato... porque daí fica mais fácil. Então tem uma diferença, é uma cidade muito restrita... só que é bom e ruim, por causa desse ponto justamente que eu falei.

Esta relatividade em torno de uma característica própria do movimento florianopolitano, também pode observada na compreensão em relação a admiração por CSC. Tais percepções são constituídas por diversos motivos, entre eles sua

⁹ Gíria de pichadores que se refere a popularidade de uma pichação. Fazer “ibope” significa que a pichação feita foi admirada pelos outros membros do grupo.

atuação na cidade e a sua disposição com seu carro que permite a mobilidade nas saídas para pintar. Mas além disso, a análise histórica nos permite compreender que tal atuação e interpretação sobre este personagem é constituída pelos entrelaçamentos entre: as perspectivas particulares de cada entrevistado; a característica da valorização da quantidade de produções do movimento da pichação como um todo; e a arquitetura urbana específica de Florianópolis.

A observação das pichações pela cidade permite aos pichadores identificarem os locais mais pichados, os muros mais almejados e algumas outras características que especificam o movimento em diferentes cidades. Esta prática pode ser traduzida como um “exercício do olhar”, a partir do qual uma nova interpretação sobre a cidade e as intervenções urbanas se torna possível. Este aspecto é algo que se faz presente na vida dos pichadores e constitui uma das características do devir desses cidadãos pelas metrópoles. Sendo assim, com a intenção de analisar características sobre o “exercício do olhar” dos entrevistados na cidade de Florianópolis, havia no roteiro a pergunta: “Quais são os locais mais pichados em Florianópolis?”. Segundo PESTES:

Ah, eu acho que os bairros mais pichados é aqui o Rio Tavares, o Carianos, o Campeche e o centro também, o centro tem bastante já também. Tamô começando né? Devagarinho nós vai indo. Norte da ilha também tem... na real tem em todo lugar, né. Mas não é aquela coisa de explosão que nem tem nas capitais Curitiba, São Paulo, Porto Alegre... mas tá começando. Aos pouquinhos vai.

A expressão não é “aquela coisa de explosão” é utilizada por PESTES para diferenciar a sua percepção sobre os locais mais pichados de Florianópolis em relação as outras capitais onde o movimento atingiu proporções maiores (traduzida pela palavra “explosão”). Para ele, o movimento florianopolitano se caracteriza por uma atuação regionalizada: a pichação não é vista por todo os lados mas se intensifica em alguns pontos da cidade. Esta passagem de MOS exemplifica a afirmação anterior:

Hum...mais pichados... Carianos, Centro, Barra da Lagoa, Lagoa da Conceição, Continente, Estreito, Jardim Atlântico, Barreiros, acho que não tem muita coisa não cara... Não tem muita coisa não! Lembra que a gente

tava viajando? É um negócio meio regional, local. Eu acho que o cara que mora na city, no bairro dele, é ali que ele tá fazendo a parada e se manifestando entendeu? Na real não vou falar isso ai não! Senão eles vão procurar os pichador (risos)

Como observado, existe esta particularidade da pichação florianopolitana: a questão das atuações em espaços específicos da cidade. Pude observar na análise das transcrições que o bairro Carianos sempre foi citado, e nesta passagem NIOGE nos explica o porquê desse destaque: “O Carianos com certeza é o bairro mais pichado de Florianópolis por causa do CSC. Bota aí no seu trabalho. (risos)”. Sendo assim, mais uma vez podemos interpretar outro dos motivos do pichador CSC ser admirado.

No Capítulo 2 tratamos sobre a socialidade a partir de Maffesoli (2006), concluindo que o conceito traduz alguns códigos e regras que permeiam o movimento e influenciam nas características da pichação. Sendo assim, vimos como os aspectos do movimento não são enrijecidos e variam conforme as trajetórias pessoais e a relação com os contextos das cidades.

O “exercício do olhar” trata-se de uma das características da pichação, e quero destacar como podemos identificar a influência do contexto da cidade florianopolitana. Um exemplo desta constatação pode ser observada nas passagens anteriores de MOS e NIOGE: notem como pelas lembranças dos bairros mais pichados, os praticantes conseguem diferenciar suas perspectivas sobre aqueles espaços urbanos, relacionando estes pontos da cidade com a atuação dos pichadores que moram nas suas respectivas regiões.

Dessa forma, além de indicar a moradia de outros interventores urbanos. O “exercício do olhar” sobre os muros dos bairros em Florianópolis também é constituído por uma avaliação de como o pichador/morador está atuando na “sua” região, algo que caracteriza e singulariza este aspecto que compõem a socialidade do movimento florianopolitano. Compreendo que o destaque para o bairro Carianos acontece não só pelo número substancial de pichações, mas também, pela forma como CSC interpreta e atua nesse espaço da cidade, o que pode ser observado a partir de sua fala abaixo:

E nós nunca deixamos de botar na sigla CSC o bairro Carianos, porque Carianos tem história, quem colou lá sabe a história que tem, sempre bem recebido, nunca pelo valor do trampo, mas agradecendo a disposição. Ali no Carianos tem trabalho de oitenta por cento dos grafiteiros de Florianópolis, pode ter certeza, inclusive o seu...

Nesta passagem, notamos a forma coletiva como CSC encara sua atuação no movimento. A expressividade do número de suas produções em seu bairro, e os inúmeros interventores urbanos recebidos por ele para fazerem seus trabalhos no Carianos em Florianópolis, constituem a atuação de CSC como uma das mais significativas na interpretação dos participantes do movimento local. As particularidades do movimento na cidade são as peças presentes no processo de constituição de suas memórias como pichadores. Sendo assim, é possível compreender:

Apixação como um modo de representar o espaço urbano e, portanto, de construir uma memória coletiva sobre o mesmo ou de articular na paisagem urbana referências de memória. (PEREIRA, 2013, p.89)

O conjunto dos discursos dos participantes permitem interpretar CSC e o bairro Carianos como um personagem e um local histórico para o movimento florianopolitano. Esta afirmação, no entanto, só pode ser compreendida através do processo de ressignificação e singularização que ocorre nas memórias destes pichadores de Florianópolis em relação a duas características da pichação como um todo: a valorização da quantidade de pichações; e os códigos que caracterizam a compreensão dos muros pichados através do que chamei de “exercício do olhar”.

Além dessas duas singularidades, outra foi identificada. Uma delas trata-se das perspectivas levantados pelos entrevistados sobre as múltiplas interpretações que compõem as propostas que configuram o graffiti e a pichação no contexto florianopolitano. Essas multiplicidades de perspectivas coexistem amistosamente, mas algumas vezes entram em conflito, caracterizando a aura destes dois movimentos em Florianópolis.

Nesta passagem, REI comenta como existe uma facilidade em relação a constituição dos laços de amizade: *“Em Floripa é da hora por isso... aqui é mais amigoso o negócio. É mais fácil aqui fazer amizade com pichador e com grafiteiro”*. Realmente, ao entrevistá-los, as histórias que envolviam violência nas relações entre

pichadores diziam respeito às outras cidades. Porém, isso não quer dizer que não haja divergências em Florianópolis.

Mas antes de tratar sobre estes momentos ríspidos, algumas ressalvas devem ser feitas visando o respeito com todos os pichadores e grafiteiros florianopolitanos, além de demonstrar o intuito da análise. Para tanto, interpretarei esta compilação de passagens do pichador REI, que ao se juntarem, traduzem essa dupla necessidade:

Uma visão meio particular, mas é o que me parece assim... que Floripa tem um divisor de águas assim, um lado A e um lado B de artistas urbanos.(...)Não falaria assim de nomes... pra não falar... mas teria um lado que tá com o rolê mais vandal, de se apropriar da cidade, de busca da cidade... e parece que o outro tá em busca da técnica do graffiti em si.(...)Bem diferente o rolê. O rolê deles já tá numa pegada muito mais... um que tá numa pegada mais profissional mesmo. E eu não critico isso, acho válido pra caralho. Se o cara curte, eu acho muito válido de querer fazer um nome, querer fazer uma grana com isso. É que não é minha onda. Não por julgamento de valor, simplesmente por não ser a minha onda.

Como pudemos observar em algumas passagens da pesquisa, o graffiti e a pichação são movimentos em atividade desde de meados dos anos dois mil na cidade de Florianópolis. Com o decorrer do tempo, estas manifestações possibilitam o acesso a um leque de formas diferentes de interagir com a metrópole que são compreendidas por uma rede de possibilidades e objetivos, que traduzem as inúmeras propostas do graffiti e da pichação. Cada pichação, cada graffiti, exerce um ponto de vista sobre o intuito destas manifestações através de todos os elementos que compõem a produção e a seleção feita pelo sujeito em torno: do muro, material, local, hora, companhias e objetivo, ou seja, as maneiras particulares de cada participante se expressar, conseqüentemente demonstram os múltiplos pontos de vistas que constituem as propostas do graffiti e da pichação. Dessa forma, compreendo que esta pesquisa analisa, especificamente, as percepções dos participantes estudados, mas respeitando os outros interventores que não foram acalentados por este estudo.

Sendo assim, minha análise objetiva expor a multiplicidade de interpretações que estas manifestações nos possibilitam compreender como uma característica singular a estes movimentos contemporâneos em Florianópolis. Para atingir este objetivo foram analisados os episódios onde os participantes lembravam sobre seus posicionamentos perante as propostas do movimento, estas recordações nos deram pistas para exemplificar estas diversas perspectivas que singularizam as propostas do graffiti e da pichação florianopolitana no tempo presente.

Após as devidas ressalvas, retomo uma parte da citação de REI: *“teria um lado que tá com o rolê mais vandal, de se apropriar da cidade, de busca da cidade... e parece que o outro tá em busca da técnica do graffiti em si”*. A valorização da técnica perante a percepção de alguns grafiteiros, também é descrita pelo pichador MOS ao contar um episódio onde não se sentiu confortável em uma conversa com outros interventores urbanos:

Eu por fazer uma parada mais regional lá de Curitiba, quando vim pra Floripa fiquei meio afastado. Ai conheci aqui em 2003, o CH2F, que é o Conexão Hip Hop de Florianópolis, e comecei a conhecer uns grafiteiros locais aqui, e ai por eu fazer pichação, comecei a entrar em contato e eu falei: “porra eu só picho rapaziada”, e eles faziam graffiti, e ai meio que me rejeitaram assim né: “ah não o cara é da pichação e a gente faz bomb¹⁰ e pá e ai não vai dar muito certo” eu não preciso nem citar nomes assim né, mas...

Neste momento minha intenção é demonstrar a multiplicidade de possibilidades que as manifestações do graffiti e da pichação oferecem em Florianópolis. Como colocado, nesta análise há a intenção de contrapor as generalizações em torno das perspectivas sobre as propostas destas manifestações. Minha intenção é compreender os diversos posicionamentos sobre propostas do graffiti e da pichação que são rememorados. Especificamente neste episódio, como percebemos na passagem acima, MOS nos conta como o fato dele ser pichador contrapôs as propostas do graffiti. O pichador CSC fala deste mesmo episódio:

Por ter razão e não ter culpa, eu dou razão pro MOS, porque deixaram de lado ele, e entre vários motivos, por causa da pichação, tá ligado? Os caras evoluíram e ele não largou a pichação, por isso que ele não tá na crew 3C

¹⁰ Um estilo de graffiti.

hoje. 3C hoje em dia é conhecida no Brasil todo e ele, pode não ser conhecido no Brasil todo, mas é muito mais forte e conhecido aqui que é a cena que tu tá pesquisando...

Ao expor estes relatos parece muito claro a dualidade antagônica entre as propostas do graffiti e da pichação em Florianópolis porém isso deve ser devidamente analisado para não produzir interpretações superficiais. Primeiramente, tanto MOS como CSC são pichadores e grafiteiros, mas como já ressaltado, esta pesquisa entende que as propostas do graffiti e da pichação são traduzidas por uma multiplicidade de possibilidades em torno das maneiras de se relacionar com a cidade.

Ou seja, as propostas do graffiti e da pichação são constituídas por um conjunto de perspectivas de cada participante sobre os elementos que compõem os movimentos. Estas percepções são influenciadas pelo contexto específico de cada situação onde os seus discursos são constituídos.

Sendo assim, apesar de dizerem de forma generalizante, MOS e CSC, relatam uma, entre as suas diversas formas de entender os elementos que compõem as propostas do graffiti e da pichação, considerando que, tais interpretações são especificamente contextualizadas pelas lembranças deste episódio relatado acima.

Nesta ocasião, grafiteiros e pichadores são lembrados de formas antagônicas, pressupondo que a valorização da técnica é que faz parte da proposta do graffiti e não dá pichação. Porém a técnica em torno da pichação foi valorizada pelo pichador PESTES nesta passagem:

Eu admiro a pichação reta. Que é certa, né mano? Não é aquela coisa feia, o cara faz na régua, certinho, e os letreiros dos caras, né. É isso que eu admiro. E o local que o cara fez também, a atitude do cara ter chegado na fita e ter feito o bagulho, né? É isso aí!

Dessa forma, a multiplicidade de interpretações em relação a proposta da pichação que caracteriza o movimento florianopolitano pode ser constatada. Como já citado, os participantes ao expressarem suas noções sobre a pichação e o graffiti, exercem pontos de vista sobre os diversos elementos que compõem essas

propostas de intervenção urbana. A técnica é um desses elementos, e o conjunto de passagens nos mostram como é relativo a cada participante e a cada situação, os pontos de vista sobre valorização deste aspecto. A técnica pode ser valorizada ou não, depende da situação. Dessa forma minha interpretação vai de encontro com o objetivo de aprofundar as percepções das psicólogas Zanella e Furtado sobre a coexistência das propostas do graffiti e da pichação:

No campo das contradições e pluralidades entre escrita e desenho figurativo, o graffiti pode ser considerado tanto como uma forma de “pichação evoluída”, como uma modalidade de expressão estética sem territórios pré-fixados e que não exclui a pichação, mas que pode se diferenciar dela como prática urbana. (FURTADO; ZANELLA, 2009, p. 132)

Compreendo que ao mesmo tempo em que existe essa multiplicidade de interpretações, as passagens também nos mostram que dentre as propostas de intervenção urbana, a pichação é uma linguagem que foi lembrada como mal quista por alguns outros interventores urbanos de Florianópolis. Ou seja, as diversas perspectivas sobre as propostas do graffiti e da pichação florianopolitanos na contemporaneidade, formam um conjunto de características que se assemelham, e ao mesmo tempo se diferenciam, em um processo de ressignificação constante, induzido pelos diversos pontos de vista dos participantes, que são traduzidos por suas vivências e pelas suas produções: pichadas, grafitados e entrelaçadas com o contexto da cidade de Florianópolis.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, a intenção desta pesquisa foi investigar a memória dos pichadores a partir do destaque de algumas passagens dos entrevistados, que relacionados com os teóricos estudados, puderam ser analisadas e interpretadas como pistas sobre a história do movimento no tempo presente.

O Capítulo 2 possibilitou compreender como a pichação é um movimento coletivo, pois sua dinâmica tem como característica códigos e regras que particularizam o movimento da pichação em relação as outras intervenções urbanas: as gírias, os riscos, a adrenalina, o vandalismo, a marginalidade e os estilos estéticos estão entre os exemplos destacados. Para traduzir estes códigos, o conceito de Michel Maffesoli (2006) sobre a socialidade foi o aporte selecionado. A pertinência desta escolha se sucedeu pelo fato do conceito conseguir expressar a complexidade do arabesco de interpretações que constitui estes códigos e regras que caracterizam os movimentos da pichação nacionais.

Estas condições pré-estabelecidas que o movimento impõe a seus participantes não são regras enrijecidas e documentadas em um manifesto da pichação. Apesar de ter que ser compreendida por todos, trata-se de uma névoa que permeia os pensamentos e influência as práticas dos participantes. O conceito de socialidade traduz sobreposições interpretativas instáveis, que ocorrem e produzem as regras e códigos da pichação. A realidade é interpretada a partir da relatividade de cada situação e a produção das subjetividades por parte de cada participante, que podem ser traduzidas pela malícia e pelo “jogo de cintura” que caracterizam a compreensão da socialidade da pichação.

Ou seja, os elementos particulares à pichação existem, mas as formas como as traduções desses aspectos são constituídas, constituem-se de um processo complexo, com múltiplas interpretações, que é entrelaçado com a trajetória de cada pichador no movimento e do movimento no pichador. E além disso, estes entrelaçamentos são influenciados pela forma como estas lembranças são expressas e pelos contextos particulares a cada uma das histórias que compõem essas recordações.

A partir destas considerações sobre a socialidade e a forma como ela torna coesa as práticas e as propostas da pichação para estes indivíduos, no terceiro Capítulo discorro sobre como características específicas do movimento são expressas e valorizadas nos discursos onde os participantes ressignificam suas trajetórias como pichadores.

Estas interpretações foram embasadas nas observações de Michel Pollak(1992) sobre os aspectos coletivos e seletivos da memória. Sendo assim, compreende-se que acontecimentos, locais e personagens foram selecionados durante a produção da memória. Dessa forma, a agência e as experiências destes cinco pichadores de Florianópolis foram acionados para compreender de que maneira eles recordam suas respectivas trajetórias como pichadores.

Demonstro que as propostas da pichação são traduzidas por estas experiências vividas e lembradas por estes cinco personagens, que através das suas vivências e das simbologias nos muros, se entrelaçaram, transformaram, constituíram e picharam os contextos das cidades por onde eles passaram. Tais constatações foram feitas a partir da relação entre: os diversos processos de inserção e imersão no movimento destacados pelos entrevistados; as passagens sobre constituição dos seus respectivos grupos; além das interpretações sobre as suas vivências contextualizadas pelas cidades que percorreram.

Dessa forma, o Capítulo 3 possibilita afirmarmos que são complexos e particulares a cada pichador os motivos que os levam a se identificarem com a pichação. Porém, ao mesmo tempo que existe uma heterogeneidade interpretativa sobre as propostas dos movimentos, algumas especificidades podem ser identificadas com relação ao contexto particular onde ocorre este tipo de intervenção urbana.

Sendo assim, discorro no Capítulo 4 sobre como as características já destacadas do movimento e as perspectivas particulares de cada pichador, se entrelaçam a fim de constituir o contexto da cidade de Florianópolis. As perspectivas expostas por cada entrevistado sobre o tempo presente foram analisadas novamente a partir do conceito de socialidade de Maffesoli (2006) e o conceito de memória do pesquisador Michel Pollak (1992).

Além disso, me embasei em uma etnografia sobre a pichação paulistana do autor Alexandre Barbosa Pereira (2013), e demonstrei como a memória dos participantes atua nas percepções dos entrevistados sobre os espaços urbanos, transformando os locais e os personagens da cidade.

Outra particularidade florianopolitana pode ser embasada nos estudos das psicólogas sociais Zanella e Furtado (2009), onde as múltiplas propostas do graffiti e da pichação se amalgam e se diferenciam, em constantes processos de ressignificação, induzidos pelos diferentes pontos de vistas de cada participante sobre os movimentos em Florianópolis.

A partir dos embasamentos teóricos e das afirmações dos outros dois capítulos, as análises me permitiram elencar estas quatro características particulares a Florianópolis: divergência entre as noções de temporalidade em torno do surgimento do movimento, destacando os pichadores Japão e a crew OS METRALHA; relações entre a memória e a arquitetura urbana de Florianópolis, que tornam singulares as percepções locais perante estas duas características da pichação como um todo: valorização da quantidade de produções pela cidade e o “exercício do olhar” sobre os muros; a importância do pichador CSC e o bairro Carianos para o movimento; além da fragmentação das interpretações sobre o graffiti e a pichação que se diferenciam e ao mesmo tempo se amalgam.

Dessa maneira, as perspectivas teórico-metodológicas da História Oral puderam ser observadas permeando todos capítulos, a partir das interpretações sobre as diversas passagens destacadas. Compreendo que os aspectos demonstrados partem do pressuposto de uma realidade fragmentada dentro do movimento da pichação, que ao mesmo tempo constituem aspectos de unidade que podem ser identificados e estudados pelo historiador. Além disso o trabalho constitui fontes que não existiam, sobre personagens que não são acalentados pelos documentos oficiais.

Dessa forma, a pesquisa exemplifica como a análise do cotidiano pode embasar novas compreensões sobre a contemporaneidade. O estudo da memória com intuito de analisar o cotidiano e o devir dos pichadores pela cidade de Florianópolis, demonstra como estes cinco interventores podem estar introduzindo, de maneira lenta e processual, novas perspectivas sobre o tempo:

O pequeno grupo tende a restaurar, estruturalmente, a eficácia simbólica. E pouco, a pouco vemos a constituição de uma rede mística, com fios mais sólidos, que permite falar do ressurgimento cultural da vida social. Épocas como essa se apoiam principalmente na concatenação de grupos com intencionalidades estilhaçadas mas exigentes. E isso que proponho chamar de reencantamento com o mundo. (MAFFESOLI, 2006, p.144)

A partir destas percepções, as características gerais e singulares da pichação *são compreendidas pressupondo a constituição de uma série de redes de comunicações*, que transformam e possibilitam micro autonomias no tempo presente. Tais modificações, ao serem analisadas, podem dimensionar como cidadãos estão compreendendo a sua história atual e de que maneira eles atuam inseridos no contexto da contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. Fontes Orais - Histórias dentro da História. In Fontes históricas. Org. Carla BassaneziPinsky. 2ª ed., 2ª reimpressão, - São Paulo: Contexto, 2010.
- ALMEIDA, Gabriel Bueno. **Política subjetividade e arte urbana: o grafite na cidade**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Florianópolis, UFSC, 2013.
- BOLETA (org.). **Tss...: A grande arte da pixação em São Paulo, Brasil**. São Paulo: Conrad Editora Brasil, 2003.
- FURTADO, Janaina Rocha; ZANELLA, Andréa Vieira. Graffiti e cidade: sentidos da intervenção urbana e o processo de constituição dos sujeitos. **Revista Mal-estar e Subjetividade**. Fortaleza, v. 9, n.4, p. 1279-1302, dez/2009.
- FURTADO, Janaina Rocha; ZANELLA, Andréa Vieira. Graffiti e Pichação: Relações estéticas e intervenções urbanas. **Revista Visualidades**, Goiânia, v.7, n.1, 2009.
- MAFFESOLI, Michel. O Tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006.
- PORTELLI, Alessandro. Tratando de aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética na História Oral. **Proj. História**, São Paulo, vol.15, p. 13-33, 1997.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo. **Lua Nova**, São Paulo, v. 79, p. 143-162, 2010.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. Cidade de riscos: notas etnográficas sobre pixação, adrenalina, morte e memória em São Paulo. **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, v. 56, n. 1, 2013.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**: Rio de Janeiro, vol 5, n. 0, 1992.
- TEIXEIRA, P. **Www.tags.pixos@graffiti.com: um rolê pelas ruas da cultura digital**. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Florianópolis, UDESC, 2010.

FONTES ORAIS

CSC. Entrevista realizada na pista de skate da Beira Mar de São José, Florianópolis, 18 de outubro de 2014.

NIOGE. Entrevista realizada na sua residência, Florianópolis, no dia 3 de outubro de 2014.

MOS. Entrevista realizada na pista de skate da Beira Mar de São José, Florianópolis, 18 de outubro de 2014.

PESTES. Entrevista realizada na sua residência, Florianópolis, no dia 4 de outubro de 2014.

REI. Entrevista realizada na Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. Florianópolis, 14 de outubro de 2014.

APÊNDICE 1

TERMO DE CESSÃO DE ENTREVISTA E / OU DE DOCUMENTOS SOBRE PICHANÇA

Você está sendo convidado para participar como voluntário da pesquisa: Pichadores de Florianópolis: relações de grupo em meio a metrópole. Meu nome é Nichollas Bichuete Munhoz e sou aluno do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina. Minha orientadora, que também irá participar deste estudo, é a professor Henrique Luís Pereira Oliveira, do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina.

Nesta pesquisa, meu objetivo é analisar como pichadores de Florianópolis estão construindo a história do movimento local. Minha intenção é compreender as práticas associadas à pichação e o modo como os pichadores vivenciam a cidade.

Para tanto, pretendo realizar entrevistas com pichadores que estão ativos em Florianópolis, e também coletar registros de seus trabalhos, com “folhinhas”.

As questões da entrevista irão abordar: seu cotidiano como pichador, suas perspectivas sobre o movimento, sua história na pichação, termos próprios da pichação, sua relação com grupos e outros pichadores, quais os significados das suas pichações e também de que forma você realiza e registra suas produções pela cidade. Essa entrevista será gravada e utilizada unicamente para essa pesquisa. Sua identidade será mantida em sigilo e as únicas pessoas que terão acesso ao conteúdo das entrevistas sou eu e meu orientador. Para tanto, assinale a forma como você prefere ser identificado na publicação dos resultados da pesquisa:

- () por meio de um nome fictício
- () por meio do seu codinome dentro do movimento da pichação.

Você tem o direito de desistir a qualquer momento de sua participação nesta pesquisa, mesmo após a entrevista já ter sido feita. Sendo assim, deixo o meu contato telefônico e e-mail: (48) 96640168, nichollas.bm@gmail.com

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE

Eu, _____ fui informado dos objetivos da pesquisa e estou de acordo com a entrevista. Sei que posso desistir a qualquer momento e declaro que concordo participar deste estudo.

Assinatura do participante

Também declaro que autorizo o uso da imagem das pichações que realizei e/ouque vou ceder alguns materiais de registro das pichações.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador- Nichollas Bichuete Munhoz

Assinatura da pesquisador reponsável- Henrique Luíz Pereira Oliveira

APÊNDICE 2 - ROTEIRO GERAL DE ENTREVISTA

Nome do entrevistado: _____

Idade: _____ Naturalidade: _____ Profissão: _____

Codinome ou nome na pichação: _____

Há quanto tempo mora em Florianópolis: _____

- Eixo 1- TRAJETÓRIA COMO PICHADOR

Questão ampla introdutória: Como a pichação se tornou parte da sua vida?

- O que você picha?

- Desde quando?

-Quais são os significados das suas pichações?

-Para você o que significa ser um pichador?

- Porque você gosta de pichar?

- O que te atrai na pichação?

-Quais são os lados positivos e negativos de ser pichador?

- Você pretende um dia parar de pichar?

-Você aconselharia alguém a começar a pichar?

- Você já pichou outros nomes ou símbolos em Florianópolis? E em outras cidades?

- Quais são as cidades que você mais pichou?

-Existem outras formas de se expressar na rua que você se utiliza?

- Qual a diferença da pichação em relação às outras expressões urbanas?

- Quais são as características próprias da pichação?
- Quais são as gírias da pichação e os seus significados?
- Em sua opinião, existem estilos de pichações diferentes?
- Quais são as pichações que você mais admira na cidade?
- Quais são os locais da cidade que você prefere pichar?
- Existe algum lugar que você não picharia?
- Existe algum lugar que você gostaria de pichar?

- Eixo 2- PRÁTICAS DA PICHAÇÃO

Questão ampla e introdutória: Agora vamos falar sobre o “rolê”¹¹. Você poderia me contar sobre o momento que você sai para pichar? Da sua casa até o muro e a volta pra casa, como acontece isso tudo?

- Quais os critérios que você utiliza para escolher os lugares para pichar?
- Como você vai até estes locais?
- Em que momento do dia ou da noite você costuma pichar?
- Quais são os materiais que você utiliza para produção das suas pichações?
- Como você adquire estes materiais?
- Em média você picha quantas vezes por semana?
- Você sai para pichar sozinho?
- Qual diferença de pichar sozinho e em grupo?
- Como você combina de sair para pichar com outros pichadores?

¹¹ “Rolê” na gíria da pichação significa sair para pintar.

- Quem escolhe aonde será feita as pichações?

- Eixo 3- PRÁTICAS COLETIVAS, CONSTITUIÇÃO DE UM GRUPO, PARTICIPAÇÃO EM VÁRIOS GRUPOS

Questão ampla e introdutória: Você poderia descrever sua história dentro da pichação? Contando sobre a forma como você entrou e saiu dos grupos de pichação que você já participou?

- Como você começou a pichar as pichações que você produz hoje?

- Existe mais alguém que picha os mesmos símbolos que você?

- Existe alguma pichação que você não picha mais?

- Você não picharia com alguém por qual motivo?

- Como é a sua relação com outros grupos de pichadores?

- Você picharia por cima de outra pichação?

- Existe alguns pichadores que você admira?

- Eixo 4- PICHANÇA EM FLORIANÓPOLIS

Questão ampla e introdutória: Como você descreveria o momento atual da pichação em Florianópolis?

-Quais são os símbolos que estão mais pichados em Florianópolis?

-Quais são os bairros mais pichados de Florianópolis?

(Caso seja pichador há muito tempo, tentar captar transformações nos símbolos e bairros mais pichados.)

-Quais são os pichadores que estão atuando ou atuaram mais intensivamente em Florianópolis?

- Quais são as facilidades e dificuldades de pichar em Florianópolis?
- Existem encontros de pichadores em Florianópolis? Você participa?
- Em quais locais você troca mais informação sobre a pichação em Florianópolis?
- Existe algum local de troca de materiais sobre pichação em Florianópolis?
- Você conhece alguma outra forma de registros da pichação que não ocorre em Florianópolis?
- Encontros de pichação em outras cidades, você já participou?
- Quais as influências de outras capitais em Florianópolis?
- Porque pichar em Florianópolis?
- A pichação é algo que acontece no Brasil todo?
- Se você já pichou em outros lugares, quais as diferenças destes locais para Florianópolis em relação a pichação?
- O que você acha que seria necessário acontecer para a pichação de Florianópolis crescer?

- Eixo 5 - MEMÓRIAS DAS PICHAGÕES

- Você registra de alguma forma suas pichações? Como?
- Para quem você mostra esses registros?
- Há algum local onde você publica este material?
- Você conhece alguma outra forma de registro da pichação que não ocorre em Florianópolis?
- Concluindo gostaria de lhe perguntar se você poderia ceder algumas imagens para a pesquisa. Para concluir este trabalho e analisar esta entrevista gostaria de utilizar

algumas imagens com intuito de ilustrar e referenciar aspectos e fatores que constroem a pichação.